

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

Sôbre a Imortalidade — (ENSAIO) — ANTÓNIO L. VILELA.

A Alma Humana — (NEOPSIQUISMO EXPERIMENTAL) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

Léon Denis — A COMISSÃO DIRECTIVA.

Crónica Estrangeira — (MEDIUNIDADES NOTÁVEIS) — PEDRO CARDIA.

Factos Supranormais — (UMA NOVA MEDIUNIDADE) — LUÍS FIALHO.

Revista das Revistas — A FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.

Noticiário

Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58

LISBOA

PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. Adolfo Sena — Dr. António J. Freire — António L. Vilela — Alberto Zagalo Fernandes — Dr. José Neves J.^{or}.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Maria Veleda — Conselheiro Dr. João José da Silva — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José R. Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes.. (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro..... (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e imp.
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

Sôbre a Imortalidade

(Ensaio)

A vida é a serpente que se enrosca, em espiral, à superfície do cone da evolução.

Nasce no vértice e contorce-se em curvas que se alargam mais e sempre nas espiras superiores, com ânsia de abraçar o Infinito.

Exterioriza-se de Deus para novamente o atingir, num limite inatingível de Perfeição; e nesse movimento contínuo, eterno no Tempo e infinito no Espaço, ao passar novamente pela mesma geratriz, rasgam-se-lhe horizontes, que, sendo da mesma natureza, são mais largos sem dúvida.

Assim se explica a notável periodicidade das concepções humanas, pela periodicidade de horizontes da mesma natureza.

Doutra forma, seria incompreensível a revivescência constante de pontos de vista que os séculos guardavam na cinza já fria do Passado.

No nosso tempo estamos assistindo a uma renascença brilhante de concepções antigas, naturalmente porque, na espira dos séculos, atingimos a mesma geratriz, e essas concepções ressurgem então vigorosas, mais amplas e mais profundas.

A pretensão de originalidade revela uma ignorância profunda da psicologia das coisas: o novo é sempre o velho a renascer sob outra forma.

A humanidade exausta de interrogar a muda esfinge do mistério, pensou que a dominava, balizando o conhecimento possível.

As muralhas da ciência oficial, rudemente assaltadas, defenderam-se com anátemas, exactamente como as religiões; e a essa metralha de bolas de sabão, respondeu a esfinge à gargalhada:

— Loucos que pensais resolver um problema suprimindo-o.

E os ecos repetiram a gargalhada...

Dentro das muralhas, muita gente acordou; outros dormem ainda sonhando-se deuses, e alguns fingem dormir...

Homo! surge et ambula: — eis a voz de Jesus que ecôa nas almas!

« A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto, e nos toca tão profundamente, escreve Pascal, que é preciso ter perdido todo o sentimento, para estar na indiferença de saber o que ela é. »

A nossa atitude em face da morte que nos espreita a cada momento, bem como a directriz da nossa vida, só podem ser determinadas e definidas nitidamente, depois de solucionado o problema do destino humano.

A morte é uma lei inexorável e geral que nos atinge, sem que lhe possamos escapar, e porisso nos importa tanto saber em que consiste.

— Desperdiçamos tanto tempo inútilmente, malbaratando energias preciosas, e havemos de recusar alguns momentos e um pouco da nossa inteligência, ao estudo do problema que mais de perto nos interessa?

— Havemos de deixar que a esperança se apague na perspectiva fulminante do

aniqüilamento da consciência ou adormeça nos braços da morte, para sobreviver na eternidade dos suplícios a tortura beatífica do Céu ou a inclemência satânica do Inferno?

E' preciso dissolver a sombra dos terrores e a sombra dissolve-se na luz.

A diferença entre um corpo vivo e um cadáver é tão notável que até os animais inferiores teem consciência da morte.

Pierre Loti, (*Livre de la pitié*), com a magia da sua prosa brilhante, descreve a angústia dum boi que assistiu à morte do último dos seus companheiros, embarcados para servirem de alimento à equipagem do navio.

Os insectos transportam os mortos para fora das suas habitações, e as formigas, que teem dado lugar a minuciosas observações, são particularmente interessantes, porque possuem um cemitério próprio e prestam honras fúnebres aos seus mortos.

Não nos detemos a citar casos, narrados profusamente pelos naturalistas, limitando-nos a frizar que a attitude dos animais inferiores perante a morte é uma attitude de terror.

A ignorância só pode ter attitudes de terror!

A noite da morte é povoada de receios quando não fôr iluminada pelos fulgores da esperança.

Foi certamente o instinto de conservação que primeiro determinou a necessidade de prolongar a vida para além da barreira da morte; depois, esperanças, aspirações, sonhos, quimeras, tudo o que não cabe no tempo elaborou a idéa de immortalidade; finalmente a razão, iluminada e esclarecida pelos elementos concretos da experiência, corrigiu e fortaleceu essa crença, depurando-a de tudo o que era illusório e falso.

A crença numa vida futura foi sempre a intuição dos humildes, a convicção dos iluminados, a consolação dos oprimidos, a esperança dos deserdados.

Para aqueles que passavam pelas escolas iniciáticas, era uma certeza fortalecida pelo testemunho dos sentidos, porque nos santuários invocavam os espíritos e comunicavam com elles.

Os adivinhos, os videntes, os profetas, os oráculos, as pitonisas, as sibilas, que na antigüidade desempenharam um papel tão importante, não eram mais do que intérpretes dos espíritos.

E se em alguns períodos históricos a crença na immortalidade se ofusca e obscurece na incerteza, é para surgir depois mais límpida e mais luminosa, mais firme e melhor definida.

Na sua verdadeira amplitude, a idéa de immortalidade não é primitiva no homem, mas resulta duma elaboração prolongada, através de induções sucessivas. Ela vive implícita na idéa de tempo ilimitado que surgiu num período avançado já da evolução humana.

Os selvagens que não sabem exprimir numéricamente as quantidades que vão além duma dezena, sabendo na sua maior parte contar apenas até 3 ou 5, não podiam de certo conceber a eternidade que exige faculdades de abstracção e generalização mais altas e melhor dinamizadas.

Porisso a immortalidade para muitos povos primitivos era apenas uma sobrevivência temporária — prolongamento limitado da vida efémera que passavam na Terra.

O conhecimento é como o horizonte: — quanto mais subimos mais elle se alarga, e quanto mais caminhamos mais elle nos foge...

* * *

A crença na immortalidade pode considerar-se reduzida a dois períodos principais.

No primeiro predomina o instinto de conservação e a idéa de imortalidade é vaga, confusa, obscura, impessoal.

No segundo predomina o sentimento de justiça e a idéa de imortalidade, precisa-se, define-se, ilumina-se, individualiza-se.

Foi talvez o instinto de conservação que impôs ao selvagem a antropofagia como uma necessidade, pois ela nem sempre revela a perversão moral, como muita gente pensa, mas traduz o desejo ardente de dar sepultura condigna aos cadáveres, assegurando a sobrevivência do defunto entre os seus.

Demais, atribuindo à matéria todas as propriedades, era natural que recorressem àquela cujas qualidades de coragem, bravura, habilidade e glória que ambicionavam, podiam vir alimentar e fortalecer as suas. (1)

Herodoto (Histoires) e Estrabão (Geographie), referem-se a muitos povos canibais que eram antropófagos apenas por instintos de piedade.

Para eles todo «o homem que morria de doença era considerado um ímpio, bom apenas para servir de presa aos animais ferozes» e achavam preferível terem as honras dum banquete de cerimónia entre os seus, a serem devorados pelos vermes ou pelos abutres e corvos nas *tôrres do silêncio*. (2)

No segundo período, a vida de além-túmulo tem por fim estabelecer o equilíbrio moral com a vida no mundo, por meio de compensações e de sanções.

Já não é o instinto de conservação que determina a necessidade da vida futura, mas o anseio de justiça e a aspiração do *bem*.

Porisso a imortalidade não pode ser impessoal, para que a justiça se realize na sua plenitude.

Quem semeia causas há-de colhêr efeitos, e entre causa e efeito há uma correspondência perfeita de natureza e um encadeamento profundo de harmonia.

O sentimento de justiça bastante estreito de princípio (de acôrdo com a fraca sensibilidade moral) incapaz de notar as gradações da virtude e do pecado na escala moral da humanidade, satisfazia-se com a existência dum lugar de recompensas e doutro de castigos — o Céu e o Inferno.

Mas a gama infinita das atitudes morais não podia condensar-se em dois polos apenas; e, assim, à medida que a idéa de justiça se elevava e complicava, o Céu e o Inferno eram subdivididos em andares ou em compartimentos.

Finalmente, os arianos recorreram à metempsicose (3) (teoria das vidas sucessivas ou palingenese) atingindo a idéa de justiça a sua realização perfeita.

Desde a mais alta antigüidade que os Egípcios ligavam a idéa de vida futura à noção de justiça, exactamente como os Indús.

As almas depois da morte eram levadas ao Amenthi para serem julgadas na *Sala da Verdade* ante o júri numeroso dos 42 *Senhores da Verdade*, presididos por Osiris. Ali eram pesadas na balança de Anubis, todas as acções do morto, e Thot registava o resultado que havia de decidir do destino das almas.

Os justos davam entrada no *barco do Sol* que os anjos dirigiam para o país afortunado de Aalou, enquanto os pecadores eram lançados nos círculos infernais até serem purificados no Kerneter, e percorrerem um ciclo de transmigrações.

(1) — «Os Neo-Zelandezes são antropófagos e pensam que não assimilam apenas a substância material, mas ainda a coragem, a habilidade e a glória daqueles que devoram». (Camille Flammarion, *Contemplations Scientifiques*).

(2) — Tôrres do silêncio ou Dakmas, eram os locais para onde se lançavam os cadáveres a-fim-de darem pasto às aves carniceiras, como ainda hoje se encontram na Índia, servindo de cemitério aos Parsis que assim obedecem às prescrições do Zend-Avesta.

(3) — A metempsicose, deturpada pela interpretação popular ou deformada pela poetização alegórica, coincidia inteiramente com o reincarnacionismo no domínio da evolução progressiva.

Os Indús para distribuírem melhor e mais equitativamente a justiça *post-mortem*, dividiam o Céu em andares, o mais elevado dos quais era o Swarga donde voltam à vida terrena por metempsicose, até atingirem a beatitude do Moksha. Da mesma forma o Inferno era dividido em secções, 21 das quais são descritas nas *Leis de Manu* — os Naraka.

Segundo o mazdeísmo os fiéis servidores de Ormuzd entravam no país da luz, o Beheshd, onde partilhavam da suprema felicidade das Izeds e Amschaspands, enquanto os cúmplices de Ahrimane eram lançados no império das trevas, o Douzakhs, para expiarem as suas faltas torturados pelos Dews e Darwands.

O Inferno dos budistas chineses tem também vários compartimentos para as diferentes categorias de faltas; nuns desses compartimentos o calor é intolerável; noutros o frio é atrás (A. Reville — *Histoire des religions*.)

O judaísmo assimilou muito do mazdeísmo a quando do cativo de Babilónia, e, mais tarde, sob a influência do helenismo alexandrino, bebeu longos haustos de platonismo.

O Céu de Mahomet é dividido em 7 andares (Alcorão LXVII-3), e a Gehena também (Alcorão XV-44).

Jesus traduzia uma idéa ampla de justiça quando afirmava: «há muitas moradas na casa de meu Pai» (S. João XXIV-2), mas o catolicismo desprezou a doutrina do Mestre, para engrandecer o seu poderio, explorando o mito satânico para vender as suas bulas e absolvições às pobres vítimas do terror.

O inferno, entre todos os povos, foi sempre imaginado como um lugar tenebroso no seio da Terra, alumiado pelo fogo — talvez pela funda impressão que produziam os fenómenos vulcânicos no espírito dos homens primitivos. (1)

O Hades homérico, o Tártaro latino, a Gehena dos hebreus e árabes, o Høelle dos escandinavos, o Naraka dos indús, etc., eram lugares de trevas e de tormentos, onde o fogo desempenhava um papel purificador.

Em contraposição, o Céu era considerado um jardim de delícias onde a luz brilhava sempre: o Olimpo dos gregos, os Campos Elíseos dos latinos, o seio de Abraão dos hebreus, o Walhalla dos escandinavos, o Kaïlas dos indús, etc.

* * *

Foi no espelho do sono que o homem viu mais nitidamente a imagem da morte, rasgando a immortalidade com asas de sonho.

Mas o confronto entre a morte e o sono começou por ser instintivo para se intelectualizar pouco a pouco, até produzir as concepções mais altas.

A intuição tinha revelado um símbolo profundo.

Era tão viva e palpitante a impressão de realidade dos sonhos que em todos os povos da antiguidade a *oniromância* constituía a forma mais usada de adivinhação.

A génesis, quando faz a história de José, mostra bem como os Egípcios acre-

(1) Os fenómenos naturais cuja violência atinge por vezes o paroxismo e eram muito mais frequentes nas épocas remotas da evolução da Terra, produziram notáveis e acentuados efeitos na imaginação dos povos primitivos que ainda transparecem nas tradições que herdámos.

Bakou, por exemplo, é considerada uma cidade santa pelos güebros, porque o solo contém nafta (betume muito inflamável) em tão grande quantidade que basta fazer um buraco até uma certa profundidade e aproximar uma luz para logo se incendiar.

«E' num convento de Parsis situado perto dela que se encontra o célebre santuário Atesh-Gah, onde arde o fogo eterno. Os sacerdotes são em número de 3 somente; vieram de Delhi e teem outro convento em Bombaim. Perseguidos pelos maometanos desde o ano 655, os Parsis andam proscritos e dispersos; não se alimentam com substância alguma que tenha tido vida, nem tão pouco devem fazer correr sangue» (Voyage au littoral de la mer Caspienne — M. Moynet).

ditavam no preságio dos sonhos e os Hebreus eram hábeis na arte de os interpretar.

Na Caldéa, segundo Diodoro de Sicília, a oniromância era bastante cultivada e ocupava um especial relêvo nas artes divinatórias.

A mitologia grega fazia do Sono e da Morte irmãos gêmeos da Noite; Galeno admitia que em sonhos podiam fazer-se diagnósticos de doenças; Aristóteles escreveu um tratado sobre a *Adivinhação pelos sonhos* e Artemidoro deixou outro sobre *Onirocrítica* (arte de interpretar os sonhos).

Os romanos, supersticiosos por temperamento, não podiam deixar de crer no preságio dos sonhos.

A morte trágica de César foi anunciada por vários prodígios, conta Suetónio, (Les douze Césars), um dos quais foi um sonho em que sua mulher Calpurnia o viu ferido nos seus braços.

Augusto, que tinha resolvido não sair da sua tenda num dia de batalha, mudou de resolução em virtude dum sonho que teve um dos seus amigos e assim evitou de ser morto quando a tenda foi assaltada. (Suetónio, idem).

Em todos os tempos houve sonhos premonitórios.

Foi num sonho que Constantino viu o modelo para o estandarte de guerra que havia de o proteger nos combates, e a escolha que fez de Bizâncio para capital do império attribuía-se também a um sonho.

A revelação religiosa é tôda ela tecida de sonhos; os profetas são sonâmbulos da eternidade...

Certamente, enquanto o corpo repousava, outro princípio havia que recebesse as impressões geradoras dos sonhos.

A sua natureza devia de ser diferente da do corpo e duma ordem mais elevada: um fogo celeste, um sôpro suave, um aroma subtil, uma sombra fugidia, tudo o que podia imaginar-se de etéreo, de vago e misterioso, ou ainda uma *psiché* espectral, alando-se às regiões da Morte onde a Vida é mais leve e mais intensa e até a própria noite tem luz — a luz do pensamento.

Assim nasceu a concepção dualista do sêr humano.

A morte seria um sono demorado como é demorada a vigília da vida; mas depois do sono vem o despertar e à morte deve suceder também a ressurreição.

Também o Sol — e demais, êle era considerado divino — tinha a sua trajetória de luz e adormecia depois no regaço da noite, erguendo desgrehado a sua cabeça de oiro ao acordar numa nova alvorada.

A idéa de ressurreição foi assimilada pelos hebreus durante o cativoiro de Babilónia. Isaías é o primeiro que fala de ressurreição (XXVI, 19). O Talmud ensinou-a aos judeus, e o Alcorão aos mussulmanos.

Com a conquista de Alexandre a civilização dos persas exerceu grande influência sobre os gregos. O culto mitríaco introduzido na civilização greco-romana no tempo de Pompeu, contribuiu também bastante para espalhar a crença na ressurreição.

Era esta idéa dominante nos povos da antigüidade que se reflectia nos Apóstolos.

S. Paulo, na 1.^a epístola aos Tessalonicenses, considera a morte como um sono que precede a ressurreição e a mesma idéa expõe no discurso que fez no Areópago (Actos dos Apóstolos XVII, 31-32).

A própria significação da palavra cemitérios (*cœmeterium*: lugar onde se dorme), nos elucida sobre a crença dos primeiros cristãos que a empregaram.

Compreende-se também o uso de se enterrarem os mortos deitados para dormirem o último sono, como é vulgar dizer-se entre nós, enquanto entre outros povos selvagens usam enterrá-los de pé ou sentados, talvez porque fazem da outra vida uma idéa de actividade movimentada ou de repouso temporário.

Da idéa de ressurreição nasceu talvez o culto dos mortos e a preocupação

constante de conservar os cadáveres para que o espírito ao despertar da morte encontre ainda o corpo em estado de o habitar novamente.

A necessidade de conservar os cadáveres representa também o receio de que os espíritos, privados do seu envólucro, errassem como sombras e procurassem abrigo no corpo dos vivos.

Assim se compreende o zelo de muitos povos em conservar os cadáveres e a preocupação dos hábeis embalsamadores Egípcios.

A cremação que até ali constituía uma regra quasi geral do primitivo culto do fogo, passou a ser interdita, tem como a inumação.

Segundo o testemunho de Herodoto e Estrabão, o mazdeísmo interdizia a inumação e a cremação.

A maior parte dos povos, porém, incapazes de conservar os cadáveres muito tempo, limitavam-se a recolher os ossos em ossuários.

O Zend-Avesta prescreve que os esqueletos sejam depositados em ossuários depois das aves carniceiras terem devorado a carne, para dali se levantarem no juízo final.

Da impossibilidade de conservar os cadáveres até à ressurreição, nasceu certamente a idéa de que ela se realizava com outros corpos, e assim se esboçou pela primeira vez a idéa de metempsicose.

Os homens primevos, incapazes de conceber uma existência puramente espiritual, envidavam todos os meios de satisfazer depois da morte as suas necessidades físicas mais ingentes e manterem os seus hábitos mais vulgares.

E' porisso que as pesquisas arqueológicas tem encontrado utensílios e jóias bem como vestígios de alimentos junto dos túmulos antigos.

Realmente, a forma mais simples de se representar uma vida futura, era considerá-la como um prolongamento da vida terrena.

Todos os povos procuram sempre transportar para a vida futura as preocupações e os hábitos da vida, ampliados com os desejos que não podiam realizar.

A alimentação como é indispensável à vida, apresenta-se-lhes também como uma necessidade dos mortos.

As scenas fúnebres, pintadas nos hipogeus etruscos, representavam banquetes quasi sempre.

Os chineses oferecem banquetes aos mortos; na Rússia e na Galícia, os camponeses ainda hoje colocam alimentos nos túmulos como antigamente os Egípcios; na Bretanha e em certas regiões da Alemanha, oferecem aos mortos uma refeição nocturna (Tylor — *Civilization primitive*).

Os Neo-Zelandeses pensam que a vida futura é um longo festim.

« Sempre em guerra, os Maoris esperam assim continuar no outro mundo; elles vêem no céu um lugar de eternos festins com peixes e batatas dôces. » (C. Flammarion, *Contemplations scientifiques*).

O receio de que os mortos voltem, leva até certos povos a atarem-lhes as pernas ao corpo, sòlidamente, para que elles não possam vir atormentar os vivos.

O culto dos mortos é a manifestação exterior, grosseira, da crença nos espíritos, que desde tempos bastante remotos tomou um relêvo especial.

Esta crença constitui para os selvagens o código completo da sua religião, limitando-se a invocá-los, afastá-los e apaziguá-los.

Em cada tribo, o bruxo desempenha as funções do padre e além das artes mágicas, divinatórias e proféticas, exerce a espagírica que consiste essencialmente em esconjurações, (porque as doenças se atribuem aos espíritos), emprêgo e uso de amuletos e talismanes, em cujo poder oculto confiam cegamente, empregando também por vezes alguns medicamentos rudimentares.

Os Pitris dos árias correspondem aos Manes dos gregos, aos Fravaschis dos

persas, aos Kamis dos japoneses, aos Ancestros dos chineses e aos Deuses de muitos povos, nome que tem dado lugar a que certos autores considerem politeístas povos que eram fundamentalmente monoteístas.

Foram as visões astrais dos videntes lúcidos, narradas em profusão nos livros sagrados das diferentes religiões, que fortaleceram a crença na imortalidade, contribuindo no mesmo passo para o estudo da alma humana, fazendo-a descer da abstracção pura à análise concreta que nas escolas iniciáticas teve um *élan* prodigioso.

Quasi todos os livros sagrados das diferentes religiões foram inspirados pelos espíritos, guias da humanidade na espiral da vida.

E' nisso que consiste a chamada revelação divina.

Assim facilmente se compreende a notável semelhança e a íntima harmonia de concepções, em povos cujo contacto teria sido muito problemático, e excedem sem dúvida o nível da sua mentalidade e da sua moralidade.

Não cabe dentro dos estreitos moldes dêste artigo fazer uma digressão sobre as civilizações antigas, para mostrar a continuidade das práticas espiritistas através dos tempos e a sua alta importância nos santuários.

Registamos apenas que a influência dos mistérios hindús nas civilizações antigas, foi bem menos importante do que a influência dos santuários Egípcios, a-pesar-dêstes terem ido beber os seus elementos ao esoterismo oriental.

Se na Grécia os mistérios orficos estavam impregnados de induísmo (embora Orfeu tivesse sido iniciado também no Egípto) e os de Esculápio mergulhavam as suas raízes nos mistérios Atlantes através dos mistérios da Serpente, os mistérios de Bacchus, os de Eleusis, os de Agrée e os Pitagóricos e Platónicos, etc., eram acentuadamente Herméticos.

Os mistérios Druídicos dos Gaulezes, bem como o Kabalismo dos Hebreus, tiveram também a sua origem nos santuários Egípcios.

A ruína das cidades da Gália, especialmente Alésia e Bibractis, foi o aniquilamento dos mistérios na Europa.

As escolas iniciáticas cercavam-se de todas as precauções para evitar a difusão das suas doutrinas, sujeitando os iniciados a uma disciplina rigorosa através de inúmeras provas, desvendando-lhes os mistérios pouco a pouco, e exigindo juramentos de silêncio, cuja quebra determinava as mais severas penalidades.

E' Hermes quem nos explica a razão do esoterismo: « O véu do mistério encobre a verdade. O conhecimento integral não pode ser revelado senão àqueles que tem passado pelas mesmas provas do que nós. E' preciso medir a verdade pelas inteligências, velando-a aos fracos a quem ela enlouquecia, escondendo-a aos maus que fariam dela uma arma de destruição. »

Era nos santuários que se consultavam os espíritos e na Grécia o célebre oráculo de Delfos era consultado pelos homens mais ilustres do tempo.

Thales, iniciado no Egípto, reagindo contra o culto pagão do Olimpo, o que lhe valeu ser considerado ateu, proclamava a imortalidade da alma e ensinava que o Universo era povoado de Génios e Demónios, testemunhas dos nossos actos e pensamentos e nossos guias espirituais. Assim fundamentava a sua moral, mostrando que não havia actos ocultos nem pensamentos secretos e o homem não vivia abandonado à sua ignorância.

« Sabe-se por tradição, escreve Cícero, que existem espíritos superiores ao homem e ministros de Deus. »

Epiménides era inspirado pelos Espíritos de quem recebia comunicações e contava que tinha ressuscitado várias vezes, tendo sido Eacus numa incarnação anterior (Fénélon, *Vie des Philosophes de l'antiquité*).

Sócrates tinha colóquios com o seu Demónio protector, (*däimon*) o seu Espírito familiar, cujos conselhos escutava e seguia. A crença nos Espíritos era também geralmente aceite entre os gregos.

Foi por intermédio dos iniciados que o reincarnacionismo penetrou na Grécia. Platão não ensinava apenas a sobrevivência, admitia também a preexistência (Fedon).

Pitágoras, como Epiménides, recordava-se das suas existências anteriores, mas sem remontar além do cerco de Troia (Diógenes de Laërte).

E' por intermédio dos gregos e muito especialmente pelos herdeiros da sua civilização — os Alexandrinos — que nós sabemos alguma coisa das práticas secretas e misteriais dos santuários.

A crença nos espíritos não é já a credence supersticiosa dos selvagens, mas a visão intuitiva do génio, que assentou na experiência a lucidez do conhecimento.

A escola filosófica de Alexandria revivendo os Mistérios Egípcios tinha-os iluminado com o facho intenso da filosofia grega.

Depois vem a decadência, vem a ruína, vem a morte, e os mistérios perturbantes dos santuários renascem novamente no século passado com o Espiritismo.

* * *

Quando uma civilização atinge as suas culminâncias e se aproxima do abismo cujas fauces hiantes hão-de sorvê-la na voragem da morte, aparecem logo falanges de artistas para a immortalizarem em paroxismos de génio.

As artes são os melhores documentos históricos e os artistas os mais fiéis historiadores, porque o verdadeiro artista é aquele que traduz com clareza os seus sentimentos e exprime com nitidez as suas idéas, quando êsses sentimentos e essas idéas estão integrados na corrente da sua época, na alma da sua raça.

Tôda a idéa, tôdo o sentimento, tôda a aspiração, quando são profundos, harmoniosos, intensos, criam formas de beleza características, tipos de arte definidos.

E' através das artes que melhor pode avaliar-se da estrutura das almas.

Os artistas possuem o condão mágico de cantar a Existência nos seus três aspectos: obscuro, luminoso e divino — a Morte, a Vida e Deus.

Os Egípcios foram de todos os povos da antigüidade, aqueles que mais se preocuparam com a vida futura.

Os templos e os túmulos de dimensões colossais, teem a magestade estoica do que é eterno e vive duma vida interior, oculta mas intensa.

A arte egípcia, monumental e misteriosa, é bem a manifestação duma religião altamente esotérica.

Nas esfinges que dormem, há olhos que vêem, nas pirâmides sombrias há luzes milenárias e nos Templos vazios passa ainda o cortejo brilhante dos sacerdotes de Amon-Râ, no esplendor das cerimónias litúrgicas.

As esfinges simbólicas teem a sonolência profunda e calma do mistério, a atitude hierática e solene da meditação, o gesto vago e lento do silêncio.

Nas criptas soturnas vive-se a eternidade; daí a solidez das construções gigantes.

A arte Egípcia é uma epopeia da morte...

E desta civilização eminente que o tempo enguliu no sorvedoiro dos séculos, ouve-se ainda a pedra recitar estrofes na linguagem velada dos hieroglifos: — é o eterno cântico da morte!

Os gregos — êsses — amaram tanto a vida, que insuflaram de alma os mármores de Páros e Pentélico.

Miron e Fídias são rivais dos deuses do Olimpo.

A' pujança da forma do Apolo arcaico, sucede a expressão dinâmica da vida numa síntese de posições sucessivas que dá a sensação de movimento no Discóbolo de Miron e desprende um sorriso dos lábios da Niqué de Delos.

O Partenon mesmo cadáver é imponente e magestoso e as estátuas decepadas teem vida ainda.

A Forma entre os gregos é equilibrada e harmónica, esbelta e suave; a curva predomina.

E' o Belo que sofre e que sonha, porque chora e sorri: — é o eterno cântico da vida!

O gótico, então — ó meu Deus! — é a lágrima dum mártir cristalizada, a prece dum santo que ao subir para o Céu petrificou!

E nessa lágrima e nessa prece, há delírios de dor e sonhos de ventura, súplicas imensas e aspirações indefinidas, cinzas de renúncia e ânsias de Infinito, esperanças luminosas, fundas saudades, de alguém que na vida, um dia, teve saudades de Deus!

As flechas agudas são braços crispados dum misticismo ardente, e a magia da luz, filtrada pelos vitrais, acende no Templo um incêndio de fé.

As nervuras das abóbadas vibram como um sistema nervoso colossalmente sensível, polarizando em nós o sentido divino, fazendo ajoelhar extáticas as almas na comunhão magnética dum ideal Infinito.

A arte, assim, senhores! não chega a ter forma — é tóda espírito: é a eterna aspiração a Deus!

* * *

Inúmeros são os argumentos que podem apresentar-se a favor da imortalidade, (no sec. XIII, Alberto, o Grande, formulou 36); não é nosso intuito, porém, formular argumentos, mas constituir provas.

Duns Scot — o doutor subtil — pensava que a imortalidade não podia ser demonstrada pelas *luzes da razão* e porisso fazia dela um artigo de fé.

Para nós, ela é perfeitamente demonstrável por provas tão transparentes e abundantes que podem servir de base sólida a uma convicção raciocinada, a uma certeza absoluta.

Parece-nos poderem reduzir-se essas provas a três categorias fundamentais: a prova racional, a prova moral e a prova experimental.

*

Realidade e Aparência são dois aspectos dum mesmo problema — o problema do conhecimento.

O homem — eterno Prometeu agrilhado pelas cadeias do desconhecido — deixa crescer as asas para voar para além do horizonte estreito dos sentidos; e é assim que, no mundo hiperfísico da intuição pura, sente palpitar o próprio coração da Realidade.

O *sentir* é o germen do *conhecer*, germen que cria raízes fundas e faz-se árvore depois, para bracejar na treva silenciosa os gestos doloridos do mistério.

E cresce sempre a árvore, mas não tem fim seu crescimento — continua a ser germen.

O mistério recua, mas adensa-se mais, e o espírito torturado vibra na treva látegos de luz.

Por de sôbre o conhecimento eleva-se a concepção...

Haverá no mundo uma realidade heterogénea irreductível às idéas, ou a matéria, no fundo, será apenas uma representação confusa do mundo das idéas no espírito dos homens, como quere Platão?

Para Berkeley, os objectos são as nossas idéas; para Stuart Mill, a matéria não é mais do que uma colecção de sensações *actuais* ou *possíveis*, conceito que Taine modifica, considerando essas sensações não só *possíveis* como também *necessárias*.

Mas daqui até negar a existência do mundo exterior, como faz David Hume,

considerando essa idéa como pura ilusão do nosso espírito, vai um abismo intransponível de impossibilidades, pois éle próprio afirma não podermos nunca sair de nós mesmos.

Além disso, seria considerar o *não eu* como uma criação do nosso espírito, visto não haver uma realidade diferente d'ele e estranha a éle que excitasse a sensação. Assim, mesmo que não existisse essa realidade exterior antecedente à idéa que em nós lhe corresponde, desempenhando as funções de causa, ela existiria como efeito consèquente da criação do espírito.

Era o caso da *Imaginação criadora* de Fichte que os românticos do século passado assimilaram e constitui o alicerce do «idealismo mágico» de Novalis.

O materialismo, então, cai no extremo oposto, perseguindo sombras fugídias de fenómenos, considerando a eternidade da matéria e a efemeridade do espírito, é como o sistema de Ptolomeu: assenta nas aparências.

— Qual será pois o processo de solucionar esta antinomia se ela surge sempre?

— Não será isso um reflexo da relatividade?

— A realidade existirá conjuntamente em si e fora de si?

Mas uma existência fora de si, só pode ser concebida como uma existência aparente sob a forma de imagem.

Apenas uma existência em si, pode estar saturada de si, pela plenitude intuitiva da sua própria percepção. Isto faz que seja impossível a representação de qualquer coisa fora de si.

A imagem, assim, nunca se identifica com o objecto, porque é, quando muito, uma exteriorização parcial d'ele.

O limite da imagem seria um deslocamento, porque correspondia à exteriorização plena do objecto, ou seja a uma variação no espaço e no tempo.

Daqui se conclui que uma existência em si só pode ser representada por um conjunto de imagens.

Cada imagem é uma existência elementar, precária, indigente, duma existência de ordem superior.

A universalidade de ser é uma hierarquia de imagens correspondentes a uma hierarquia de consciências, dissociadas pela sua limitação e integradas pela continuidade unificadora numa percepção de conjunto.

Assim a realidade não se duplica pela sua exteriorização, da mesma maneira que Deus não se duplica no Universo.

A aparência apresenta-se-nos como a projecção da realidade na relatividade da consciência, isto é — a diferenciação da Unidade que a reproduz por integração, notando que só o conhecimento de todas as aparências forneceria os elementos d'esse integral.

O Aparente é a própria sombra do Real — sombra que nos leva a pressenti-lo.

A complexidade não existe nas coisas, mas sim em nós pela variedade de pontos de vista; ou, por outras palavras: enquanto o Real tem um carácter permanente de absoluta simplicidade, o Aparente é um complexo variável com a nossa relatividade.

E' bem sabido como na apreciação de fenómenos diferentes os mesmos órgãos dos sentidos traduzem sensações semelhantes e na apreciação do mesmo fenómeno cada um d'elles traduz sensações diferentes dos outros. Porisso a diferenciação que nos revela a variedade é apenas aparente.

O Tempo e o Espaço são as coordenadas de todo o movimento: o Tempo que indica as relações de ordem ou sucessão; o Espaço que dá as relações de posição.

O movimento é o caos primitivo da relatividade.

Imaginemos uma esfera transparente, indeformável, fixa e solitária, porque

apagávamos o Espaço e parávamos o Tempo; essa esfera seria a própria Realidade. (1)

Mergulhando-a no Espaço e agitando-a no Tempo, ela continuava a ter a mesma existência íntima, real, mas exteriorizava-se em aparências múltiplas porque surgia a relatividade.

Pois bem, na evolução, vamos atrás dessa esfera que, mergulhada no domínio da nossa relatividade, vai desdobrando-se em aparências várias, e é luz e côr, e é forma, aroma e som, segundo o órgão dos sentidos que as recebe e interpreta.

Cada aparência é um gesto duma alma.

Negar a Realidade seria admitir uma imagem sem objecto; negar a Aparência seria renunciar ao próprio conhecimento.

A correspondência perfeita entre a realidade e a aparência só pode existir pela integração desta no seio daquela. Mas isso é um ideal da intuição pura, irrealizável para nós; é o Intangente da nossa sensibilidade.

O erro nasce assim.

Todo o erro é uma aparência da realidade cuja correspondência é imperfeita.

Um erro desconhecido define a verdade relativa, que é o integral dum conjunto de aparências. Mas outras aparências surgem, variando o integral e revelando o erro. E as concepções variam também sempre que nos repugna aceitar a sua possível correspondência com a realidade.

A concepção é o esforço intuitivo do homem, e o conhecimento só é possível, havendo um princípio de permanência que constitui o fundo real da série dos fenómenos.

Mas procuremos concretizar.

Cada um de nós, por exemplo, mantém a sua individualidade, pelo menos desde que nasceu, e contudo variamos sempre: no íntimo de todas as variações há um princípio de permanência.

A realidade confunde-se com a nossa individualidade permanente, enquanto a aparência é a personalidade variável, efémera — exteriorização relativa da nossa individualidade.

E' a consciência que caracteriza principalmente a individualidade, que a define mesmo.

A consciência desempenha o papel dum espelho da realidade, mas dum espelho limitado que abrange dela uma pequena parte; *fora da consciência a realidade desdobra-se em aparências múltiplas.*

Não será a morte um conjunto dessas aparências que estão fora do campo da nossa sensibilidade?

Ora se a nossa individualidade se mantém através de modalidades aparentes tão variadas na curta e breve marcha que vai do berço ao túmulo, porque motivo há-de apagar dum momento para outro os seus reflexos, se uma das leis gerais do Universo é a continuidade?

Nós tão mal servidos de órgãos dos sentidos que a nossa retina percebe apenas as vibrações que vão do vermelho ao violeta (comprimentos de onda entre 620 e 420 milésimas de micron) e apreciamos os sons dentro apenas de algumas oitavas, como podemos negar a imortalidade baseados apenas na ignorância de modos de existência supra-sensíveis?

Se fôssemos a desprezar tudo o que não cabe dentro da periodicidade sensorial, estávamos reduzidos ainda aos horizontes mesquinhos da animalidade.

Mas o certo é que, por detraz das negações aparentes da imortalidade, ela vive implícita nos próprios sistemas negativistas.

(1) Consideramos a esfera apenas por motivos subjectivos de estética pessoal.

Fácilmente se compreende que, sem memória, seria impossível o progresso porque êle implica uma acumulação de conhecimentos; e como por outro lado o progresso é a expressão sintética dos conhecimentos assimilados, a intervenção da inteligência torna-se indispensável. A vontade é o princípio dinâmico do progresso.

Através da evolução vai-se desenrolando o *film* da nossa relatividade.

Negar a imortalidade corresponde a negar o progresso que só se compreende pela *continuidade* e pela *permanência*.

A idéa evolucionista, mesmo na sua forma mais materialista, desde que admitte transmissões hereditárias, contradiz-se quando nega a imortalidade.

Realmente esta hipótese, admitindo que há acumulação de caracteres adquiridos, admite implicitamente que o *subtractum* dessas transmissões existe individualizado.

Mas além disso possui consciência, revelada pelas faculdades necessárias à assimilação e acumulação de conhecimentos.

E desde que êsse *subtractum* individualizado se transmite hereditariamente, preexiste e sobrevive, reincarnando.

Isto é apenas um aspecto típico da variedade de formas — o desfilar eterno das aparências — que a realidade reveste quando se projecta no campo da consciência.

Porisso nós, aceitamos a evolução geral, mas consideramo-la como o resultado de evoluções parciais, individualizadas através do Tempo e do Espaço.

A idéa de imortalidade é, sem dúvida, racional.

*

O homem primitivo, sôbre a Terra, sentiu o terror da ignorância conturbar-lhe o espírito, perante as energias ciclópicas da natureza.

A sua vontade não era suficiente para dominar os elementos revoltos, e por isso imaginou que tudo o que se lhe opunha, era dotado duma vontade mais forte e possuía um poder maior.

Não podendo triunfar, humilhava-se ao seu poder.

O grande freio dos instintos perversos dos indivíduos, não é o amor da virtude, porque a desconhecem, mas o receio do castigo.

E' porisso que alguns povos não se interessando pelos princípios do Bem, porque não lhes faziam mal, consagravam todo o seu cuidado em servir e adorar os princípios do Mal, cujas iras pretendiam aplacar.

As religiões obedecem às necessidades psicológicas da sua adaptação, sendo todas elas úteis na medida da sua relatividade.

O Inferno com todos os seus tormentos é ainda um argumento de pêsô para aqueles que não podem elevar-se a princípios de moralidade pura.

A fraqueza foi a primeira escada para Deus, e o receio determinou a primitiva atitude moral do homem.

O selvagem incapaz de formular idéas abstractas, divinizou os elementos físicos da natureza.

Realmente êle só conhecia o mal físico, pois ainda não tinha concebido a existência do mal moral — gênese de todos os males que nos afligem.

Mas a par dêsses elementos que o agrediam com os seus rigores, outros havia que pareciam empenhados em protegê-lo — êsses seriam os elementos do Bem.

Desde que as suas vontades colídiam, era permanente a luta: dum lado, a fúria violenta, destruidora, dos elementos revoltos; do outro, a actividade fecunda, produtora, dos elementos benéficos.

Foi, pouco a pouco, que o homem imaginou seres abstractos que dirigiam e dominavam os elementos, à semelhança dêsse princípio interior, misterioso, que desconhecia, sendo êle próprio, mas cuja existência não podia negar.

Assim, povoou o espaço duma multidão de séres, superiores a si, que acendiam o Sol e fuzilavam o relâmpago, agitavam o vento e revolviam os mares, vibravam o trovão e sacudiam a terra em convulsões espasmódicas.

Os perigos constantemente ameaçavam a vida, e foi isso que determinou a superstição terrorista dos selvagens, e a exploração e predomínio de classes especiais de bruxos esconjuradores dos elementos do *mal*, e intercessores junto dos elementos do *bem*, primeiros vestígios da classe sacerdotal.

Depois que começaram de estabelecer hierarquias entre êsses elementos, supuseram dois chefes, dois princípios opostos, antagónicos, que comandavam superiormente uma multidão de espíritos que tinham ao seu serviço, e obedeciam às suas ordens como um exército disciplinado.

O Destino não dependia de si directamente, mas dos acasos dessa luta titânica, entre os dois princípios rivais.

Era preciso repelir as influências contrárias à custa de exorcismos e esconjuros e atrair as influências favoráveis, benéficas, com sacrifícios e presentes.

Os sacrifícios teriam talvez em vista fornecer mais um espírito ao Deus protector, para entrar ao seu serviço, e os presentes eram um estímulo para os seus favores.

O homem era um sêr que oscilava entre duas vontades opostas e poderosas estranhas a êle: os deuses do Bem e do Mal.

Em todas as teogonias se encontram vestígios desta dualidade primitiva que se atenuou até ao hermafroditismo divino, para explicar a criação, e à palingenese para resolver o problema do mal.

Brahama e Shiva na India, Osiris e Tyfon no Egito, Ormuzd e Ahrimane na Pérsia, Júpiter e Saturno na Grécia — são os dois chefes que se degladiam constantemente, incarnando respectivamente o princípio do Bem e o do Mal.

Era esta a solução exterior do problema do Mal.

Só muito mais tarde o homem encontra o mal dentro de si, e guiado por uma idéa mais pura de justiça, descobre-lhe a causa numa vida anterior, resolvendo-o com a palingenese (teoria das vidas sucessivas ou das reencarnações).

Foi um passo gigantesco de aperfeiçoamento moral.

Na primeira atitude, o homem, irresponsável, assiste indiferente à luta dos deuses, fazendo convergir o produto do seu esforço, o rendimento do seu trabalho, para os exorcistas ou sacerdotes que o exploram, ou, pelo menos, vivem regaladamente à sua custa.

Depois, é já o homem o árbitro do seu destino, e, em vez de pretender comprar a felicidade, procura tornar-se digno dela.

As idéas não precisam de profissionais: exigem apóstolos.

Quási todos os povos, incapazes de explicar a existência do *mal* porque não procuravam interpretá-lo, poetizaram a sua origem em alegorias encantadoras.

Para os Persas, o primeiro casal foi Meschia e sua mulher Meschiane que habitavam « um lugar de delícias e de abundância » (Zend-Avesta, 2.^a parte) e não deviam morrer senão fôra a tentação de Ahrimane que os seduziu e levou a pecar, tomando a forma coleante duma serpente.

A gênese Bramânica considerava apenas uma árvore no paraíso — o *Soma*, mas Zoroastro, para satisfazer as necessidades dualistas do sistema, considerou duas: o *Hom* — fonte da vida que alimenta a imortalidade, e a árvore de *Tôda-a-Semente*.

E' em tôrno destas árvores que Ormuzd e Ahrimane jogam o Destino: êste acordando no homem as tentações do pecado, aquele procurando sustê-lo na voragem do abismo;

O princípio do Mal triunfa primeiro, e o homem cai, mas o seu triunfo é transitório, porque o corpo da serpente será queimado em metais em fusão, e assim, purificado pelo fogo, Ahrimane renuncia ao mal e reconcilia-se com Ormuzd.

A alegoria do *pecado original* de Adão e Eva é bastante semelhante. (Gênesis III).

Para os gregos a origem do mal foi outra.

Prometeu, roubando o fogo sagrado, acendeu as iras de Júpiter, que preparou a vingança, encomendando aos deuses uma virgem tentadora.

Os imortais habitantes do Olimpo, depois que Vulcano tinha modelado na argila a imagem duma virgem, presentearam êste objecto fatal com os dons do seu poder.

Júpiter mandou então Pandora — a virgem tentadora mensageira do mal — com o vaso dos flagelos de presente a Epimeteu que imprudentemente o destapou.

Então os flagelos espalharam-se sôbre os mortais e « apenas a esperança aí ficou cativa, errando nos bordos do vaso, prestes a evolar-se » (Hesiodo, *Les travaux et les jours*, trad. M. Patin).

Os Índios da América atribuem a existência do mal à intervenção duma serpente.

Deus tinha dado ao homem uma droga misteriosa que lhe assegurava uma felicidade permanente. Quando o homem levava um burro carregado com essa droga, teve sêde e uma serpente que lhe ensinou a fonte, roubou-lhe o tesouro enquanto êle bebia.

Estas lendas devem ter estreitas relações com os mistérios da Serpente de origem Atlante.

Destruídas as bibliotecas da antiguidade, (1) são relativamente escassos os elementos históricos que nos restam das grandes civilizações do passado.

Depois que a Lemúria e a Atlântida, cedendo à lei da renovação periódica dos continentes, desceram ao fundo dos oceanos em virtude de cataclismos ciclôpicos de que a tradição guardou funda memória entre todos os povos, os arianos empunharam o facho da civilização.

Insatisfeitos com a solução dualista dos Atlantes, procuraram resolver o problema do mal que lhes tatuava a alma, com tatuagens fundas de mistério.

Foram os místicos indús, refugiados na solidão agreste das montanhas, para escutarem melhor a voz da natureza e verem mais largos horizontes à vida, que um dia se debruçaram na sua própria alma e mergulharam mais fundo no mar imenso do desconhecido.

O método introspectivo da meditação revelou-lhes fôrças prodigiosas de que podiam dispôr, dinamizando e orientando a vontade.

A sua ignorância da natureza era compensada vantajosamente pelo conhecimento que tinham de si mesmos.

A idéa fundamental dos indús é que as almas saindo de Deus, voltam a êle, depois de percorrerem o ciclo da sua evolução.

Os Vedas que ainda traduzem o sentimento naturista, totemista e feiticista, comum aos povos primitivos, esboçam já a metempsicose que as leis de Manú regulamentam como um sistema de sanções.

E' já o sentimento de justiça que determina a necessidade da vida futura, e não o puro instinto de conservação.

(1) Alexandre destruiu a biblioteca de Persépolis e o fundador da dinastia dos Tsín destruiu as bibliotecas chinesas cêrca de 213 anos antes de Cristo.

A célebre biblioteca de Alexandria que acidentalmente tinha sido incendiada por César (48 a. a. C.) tendo-se salvo em grande parte, foi novamente incendiada por alguns cristãos desvairados de fanatismo e cegos de intolerância no ano 390, até que em 640, Omar completou a destruição.

O imperador Akbar, no século XVI, destruiu também as bibliotecas mais importantes da Índia.

Demais, a metempsicose resolve o problema do Mal de acôrdo com a justiça divina, descobrindo-lhe a causa numa vida anterior.

Já não dependia do arbítrio dum Deus caprichoso, nem dos triunfos do princípio do mal sôbre o seu rival.

O Mal dependia de nós.

Para as escolas filosóficas da Índia (como depois para todas as escolas de iniciação esotérica) a vida era uma descida do espírito que tendia novamente a elevar-se para se unir à pura essência das coisas: — uma realidade eterna que se revelava sob a máscara trágica duma aparência illusória e efémera.

O *nirvana* — suprema aspiração dos indús — tão mal compreendido pelos europeus, é a insensibilidade máxima pela renúncia plena de si, pelo aniquilamento de tudo quanto exista em nós que seja nosso apenas; e é por isso que, sendo o *não-ser* por si, é a plenitude da vida em si, no próprio seio de Deus.

No seio do nirvana vibra o movimento na sua máxima intensidade, a-pesar-das aparências quietistas e sonolentas de apatia com que se beke no êxtase a taça sem fundo do Infinito.

O êxtase é apenas uma saída para além das fronteiras de si, num galgar de horizontes sem termo, em que o espírito sonâmbulo de luz, sente a vertigem de Deus.

Os Vedas são um pálido arremêdo das concepções dos iniciados, a sua tradução grosseira, para uso das multidões.

As crenças elevadas não se divulgavam assim: transmitiam-se oralmente, ou, quando muito, velavam-se pelo símbolo.

No Egito, o esoterismo, tendo fundamentalmente as mesmas bases, teve, porém, características diferentes.

A introspecção foi conjugada com a extrospecção; a experiência veio completar a meditação.

Porisso a civilização Egípcia atingiu um nível que em muitos pontos deixa envergonhada a nossa, a-pesar-das suas pretenções vaidosas.

A pedra anestésica de Memphis, o vidro maleável, o vermelhão de Luxor, as pedras preciosas artificiais, o papyrus maravilhoso, os processos de embalsamamento, os monumentos da sua arquitectura, os encantos da sua estatuária, etc., revelam bem uma civilização prodigiosa.

Os Egípcios eram mestres nas sciências ocultas e rivalizavam com os Caldeus, determinadamente na astrologia, na magia e em todas as artes divinatórias, realizando verdadeiros prodígios os seus hierofantes por processos teúrgicos bastante complexos.

Os Egípcios e os Assírio-Caldeus ensinaram a magia à Pérsia, à Judeia, à Arábia, à Grécia e a Roma, donde nós a herdámos directamente.

A magia era a sciência que permitia, por meio de determinados ritos e fórmulas, actuar sôbre os espíritos, quer no domínio do animismo, quer no campo mais vasto do espiritismo.

Na Pérsia, onde predominavam as concepções Atlantes, o sistema dualista é acentuado, como já tivemos ocasião de mostrar.

Da luta incessante entre Ormuzd e Ahrimane, resulta a mistura de *bem* e de *mal* que se observa no mundo.

Mas a amplitude destes símbolos era bem maior: Ormuzd (Ahura-mazda: espírito sábio) representava, duma maneira geral, o princípio da vida, enquanto Ahrimane (Angro-mainyous: o destruidor) representava o princípio da morte.

O Zend-Avesta condena os maus a serem metidos num banho de metal em fusão, para, depois de purificados, compartilharem da felicidade de Ormuzd.

Esta ideia de fogo que para as classes inferiores, que não penetravam no símbolo, tinha a significação concreta de fogo físico, para os iniciados tinha um significado puramente abstracto — o fogo espiritual — o amor que consome o pecado e ilumina as almas, subtraindo-as assim aos ciclos de transmigrações.

Porisso as almas purificadas pelo fogo entravam na vida eterna do espírito — o reino de Ormuzd.

Assim os Persas convergiam também para a solução palingenésica.

Entre os chineses a concepção dualista do ser humano generalizou-se para o Universo.

Para eles o Universo era constituído por dois princípios de natureza oposta: o macho e a fêmea, o positivo e o negativo, a luz e a treva, o movimento e a inércia, a energia e a matéria.

Yâng e *Yîn* são o eterno contraste, os dois polos da unidade.

O *Yâng* produziu o Céu; o *Yîn* formou a Terra.

O *Yîn* é assim a origem de todas as formas corporais efémeras que o *Yâng* anima e vitaliza com o *sôpro*, princípio de inteligência imperecível.

Tôdo o Ser participa dos dois princípios que, pela morte, voltam ao ponto de partida: a parte corporal, à terra; e a parte intelectual, princípio de vida, eleva-se para o Céu, donde tinha descido.

Devemos notar que os filósofos chineses eram fundamentalmente pragmatistas, deixando valiosos códigos de moral.

As religiões nacionais da China — o *Yû* (confucionismo) e o *Tao* (taoísmo) — aceitam a imortalidade, aliás confirmada pelo culto fervoroso dos ancestratos (que não eram mais do que as almas dos mortos), mas não especulam sobre a vida futura. O temperamento chinês é contrário a toda a especulação; como é paciente, sabe esperar.

Parece ter sido Lao-Tseu o filósofo que primeiro ensinou a metempsicose na China, concepção que se radicou e vigorizou a partir do séc. I da nossa era, data em que o budismo ali foi introduzido.

O nirvana é também a suprema aspiração de Lao-Tseu e é notável a sua afinidade doutrinária com Buda.

Através do pálido esboço que temos feito, vê-se bem como a teoria das vidas sucessivas é a solução dominante do problema do mal, quando as civilizações atingem o máximo da sua curva evolutiva.

O homem tem a idéa profunda de justiça e ela não pode ser uma aberração da sua sensibilidade, um devaneio da sua razão, uma fantasia da sua inteligência; há-de corresponder a alguma coisa de existente.

A necessidade de compensações e de sanções constitui uma prova irrecusável da imortalidade — a prova moral, cujo valor é reconhecido por Kant e Vítor Cousin, bem como pelos pragmatistas.

Dentro dessa imortalidade, a palingenese é a solução por excelência.

*

A ciência humana é um corpúsculo de ignorância na nebulosa imensa do mistério, mas a-pesar-disso o homem tem a pretensão vaidosa de saber o que não existe.

O Espiritismo sempre teve duas categorias de contraditores: aqueles que negam os fenómenos, porque nunca os estudaram nem verificaram, e cujo testemunho assenta portanto na ignorância, e aqueles que os atribuem ao demónio, baseados em credices piegas e superstições grosseiras, que seriam tôlas se não fôsem pueris.

Dum lado a miopia dos sentidos físicos; do outro a utopia dos interesses mesquinhos.

A ciência oficial ergueu as suas muralhas para suster a onda impetuosa do progresso, já que as religiões envelhecidas viam os seus muros desmantelados rolar no abismo da morte.

Como todas as religiões, a ciência possui sacerdotes que pontificam infalibilidades papais e são eles que traçam no espaço, arbitrariamente, a curva que há-de limitar o conhecimento humano.

Para além, fica o domínio do Impossível, o mundo do absurdo, onde o espectro da loucura desfia as ilusões.

Todas as grandes descobertas tiveram primeiro a consagração do ridículo ou da loucura, quando a tirania não tinha a força de as abafar nos ergástulos ou queimar nas fogueiras.

Biot, falando da oposição que foi feita ao sistema de Copérnico, diz :

« Não há nada tão seguro de si nem tão intolerante como a ignorância. Mostra a verdade aos homens; se o objecto dela os não interessa, podeis ser perdoados; mas se pretendeis destruir neles uma opinião que desde longo tempo hajam admitido, mesmo que seja um preconceito sem base, basta o facto de o terem aceitado constantemente, para sentirem o orgulho ofendido por serdes mais difícil do que êles. »

A negação é tudo quanto há de menos positivo, de menos experimental, porque recai sobre a ausência de elementos concretos afirmativos.

Tôda a afirmação, mesmo que seja errónea, tem alicerce; mas a negação é construída sobre o vácuo.

Porisso o único processo intelectual de destruir um erro, consiste em investigar da sua origem e estudar a sua natureza para se poder corrigir.

As classes intellectuais teem grandes deveres para com a humanidade e não podem ficar indiferentes ante a fenomenologia espiritista que põe em equação o problema mais formidável que pode preocupar-nos, servindo de alicerce a uma nova concepção da vida, mais ampla e mais profunda.

Se elas reconhecem a realidade dos fenómenos, confirmando assim a sua origem espiritista, não se comprehende o seu silêncio em assunto de tanta magnitude; se a negam, não se justifica a sua attitude, pelo menos enquanto não a demonstrarem, fazendo contraprova às inúmeras experiências realizadas com todo o rigor e probidade.

Não ter coragem de apregoar aquilo que se sabe ser verdadeiro, é a maior de todas as cobardias, a mais repugnante de todas as indignidades.

Quando, nos meados do século passado, o mundo invisível quebrou o marasmo desolador da indiferença em que os homens viviam do seu destino, transviados do caminho cristão pelos interesses políticos da Igreja Católica que empolgara a civilização europeia, as classes intellectuais fulminaram com sorrisos de scepticismo e gestos de desdem, todos aqueles que viam nesses fenómenos a intervenção dos espíritos.

O mesmo tinha sucedido em 1791 a Galvani, quando apresentou a sua descoberta, e os scientists acharam que o bailado macabro das rãs era demasiado cómico para ser tomado a sério, mal prevendo o seu extraordinário alcance.

Este fenómeno que Galvani observara, não elucidava nada sobre a sua natureza e foi preciso portanto recorrer à hipótese para o interpretar; daí a possibilidade de erros de interpretação e o carácter transitório de todas as hipóteses para se adaptarem sempre aos novos factos observados.

Já assim não acontece com os fenómenos espiritistas, porque o próprio fenómeno, consciente de si, revelou a sua natureza e o seu testemunho, então, em vez de ter um valor hipotético, tem um valor real, absoluto e definitivo.

Qualquer hipótese neste caso, era uma fantasia inútil, se não fôsse prejudicial até, porque vinha complicar o problema, deslocando-o.

Nós que não penetramos na essência das coisas e só temos delas um conhecimento superficial — a miragem dos sentidos — em nome de que princípio recusamos a revelação que o fenómeno faz da sua própria natureza ?

A verdade, porém, destroi todos os sofismas e foi assim que as doutrinas dos espíritos compendiadas por Allan Kardec tiveram uma repercussão extraordinária, invadindo os próprios redutos da sciência oficial, eivada de preconceitos materialistas e despreocupada de attitudes morais.

O triunfo do Espiritismo exerceu uma influência enorme no domínio filosófico, determinando a renascença das sciências antigas e consolidando os princípios básicos sôbre que assentaram depois as correntes neo-espiritualistas de origem esotérica que sucessivamente foram aparecendo.

Em 1875 a Sociedade Teosófica, fundada por Helena Blavatsky e coronel Olcott, tinha ido beber os seus elementos ao esoterismo indú. Anos depois, Péladan e Estanislaú de Guaita fundaram a Ordem da Rosa-Cruz inspirada no Kabalismo e o Dr. Encausse restaurou a Ordem Martinista fundamentalmente hermética.

A sua acção pròpriamente no campo da sciência não foi menor, abrindo o caminho experimental à psicologia e determinando o aparecimento da metapsíquica, alicerce duma nova biología.

Sob o ponto de vista social então, a sua missão é verdadeiramente redentora, porque traz aos homens a prova experimental da sobrevivência à morte, mostrando com a continuidade da vida a responsabilidade eterna que justifica as desigualdades sociais e resolve o problema do mal.

O professor Robert Hare tiuha iniciado em 1851 o estudo científico do Espiritismo, servindo-se de instrumentos de precisão.

Depois, outros experimentadores vieram fazer novos estudos sôbre os fenómenos espiritistas, até que em 1869 a « Sociedade Dialética », de Londres, nomeou um *comité* para fazer um inquérito sôbre o Espiritismo, pensando tratar-se duma superstição que era necessário destruir.

Esse inquérito, apresentado em 1870, constituiu um verdadeiro triunfo para as idéas nascentes; e como a Sociedade se recusasse a publicá-lo, o *comité* resolveu por unanimidade a sua publicação.

Do depoimento de M. Cromwell Varley, físico distinto que dirigiu os trabalhos do primeiro cabo transatlântico e engenheiro em chefe dos telégrafos de Inglaterra, membro da « Sociedade Real », extratamos o seguinte :

« Eu tenho-me servido do termo Espíritos, ainda que saiba bem que em geral o mundo não acredita que nós temos razões suficientes para afirmar que os nossos amigos são capazes de comunicar conosco depois da dissolução do seu corpo material. O que me autoriza a assegurar que os Espíritos dos nossos parentes nos visitam realmente, é que :

- 1.º — Eu os tenho visto distintamente em várias circunstâncias;
- 2.º — Em vários casos, coisas conhecidas de mim apenas e das pessoas falecidas que se julgava comunicarem comigo, teem sido correctamente recordadas, ainda que o médium ignorasse absolutamente todas estas circunstâncias;
- 3.º — Muitas vezes, factos conhecidos de nós dois apenas e que eu tinha totalmente esquecido, teem-me sido recordados por comunicações dos Espíritos; não eram portanto casos de leitura do pensamento;
- 4.º — Em alguns casos, as comunicações eram respostas a perguntas feitas mentalmente e o médium que era uma senhora da minha amizade, numa situação social independente, escrevia as respostas, ainda que não tivesse noção alguma do sentido das comunicações;
- 5.º — A data e natureza de acontecimentos futuros, tão desconhecidos e imprevisos do médium como de mim próprio, teem-me sido anunciados por mais duma vez com alguns dias de antecedência.

Como os meus correspondentes invisíveis me diziam a verdade em relação aos acontecimentos futuros e afirmavam ao mesmo tempo que eram Espíritos; como, por outro lado, nenhuma das pessoas presentes na sala conhecia o que quer que fôsse dos factos comunicados, não vejo razão alguma para me recusar a acreditá-los. (Rapport sur le Spiritualisme)».

Os depoimentos que constam do relatório publicado pelo *comité*, atraíram a atenção de alguns cientistas, entre êles o eminente físico Sir William Crookes, da « Sociedade Real », que em 1871 iniciou rigorosas experiências, obtendo a escrita directa e a materialização do espírito de Katie King que durante três anos consecutivos frequentou as suas sessões.

Foi em 1874 que Crookes, depois de pacientes e cuidadosas investigações, pu-

blicou o seu relatório, proclamando a verdade espírita numa atitude digna de desassombro intelectual e nobreza moral.

Isso bastou para cair sôbre êle a excomunhão catedrática com todo o pêso do ridículo.

Os artistas, ao menos, ainda teem uma certa liberdade de pensamento, porque sempre foram rebeldes às formas consagradas e escapam mais facilmente ao jugo dos preconceitos.

Mas os cientistas que possuem tendências dogmáticas e opiniões disciplinadas aos princípios que uma vez aceitaram como verdadeiros, consideram traidores aqueles que ousam destruí-los.

Um artista que tivesse a intuição dum mundo hiper-físico, podia dar-lhe a

forma mais arrojada e estravagante, que isso seria levado à conta duma fantasia estética primorosa e admirável, produto duma imaginação criadora privilegiada e fecunda.

Não era êste o caso de W. Crookes, porque demonstrava a realidade de fenómenos que vinham mostrar a inanidade dos preconceitos científicos dum século materialista e representava portanto um atentado que merecia o látigo do escárneo.

Os fenómenos espiritistas perturbavam os sábios que os tinham transportado para os seus laboratórios e que, a-pesar-de partirem do mais completo scepticismo, tiveram de se curvar ante o imperativo dos factos.

Médiuns iletrados, crianças por vezes, davam comunicações em várias línguas e falavam em nome de indivíduos mortos, desvendando mistérios incompreensíveis, fazendo revelações estranhas e imprevistas, recordando casos particulares que diziam respeito a alguns dos assistentes ou a outra pessoa que depois o confirmava e ninguém mais sabia.

Nas mensagens escritas a letra identificava-se com a que tinha a pessoa em vida, e, às vezes, o espírito dava correspondências cruzadas, recebendo cada médium parte da comunicação que por si só não formava sentido.



Moldagem transcendental de duas mãos fluidicas com os dedos entrecruzados. A registar a nitidez dos trabalhos anatómicos e a manifesta impossibilidade de fraude. Esta moldagem em parafina foi obtida numa sessão medianímica dirigida e controlada pelo Dr. Geley, quando Director do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris.

(Da «Revue Metapsychique»)

A-pesar-de ilógica, imaginaram a teoria do sub-consciente, no firme propósito de repudiarem a explicação espiritista.

Esse *sub-consciente* sabia tudo, mas era doido, e não tinha consciência de si, porque pensava ser o Espírito dum morto!

E, caso curioso! éramos nós com a nossa ignorância que reconhecíamos o seu êrro e o seu estado de loucura!

Havia também a escrita directa que Crookes tinha verificado e a que o Dr. Paulo Gibier consagrou bastante tempo de estudo: obtinham-se mensagens dos espíritos, escritas em ardósias unidas e seladas.

Cercando as experiências de todo o rigor, observavam-se luzes que se deslocavam; viam-se aparecer nuvens brancas, como nebulosas, que se condensavam e tomavam formas vagas que, pouco a pouco, se precisavam e definiam, surgindo fantasmas cujas feições se reconheciam por vezes, para desaparecerem depois à vista de todos, através duma parede ou através do sobrado.

Pensaram que se tratava de alucinações: recorreram à fotografia e a chapa fotográfica era impressionada.



O sábio professor, sir William Crookes, tendo ao seu lado esquerdo o célebre fantasma Katie King que durante três anos consecutivos foi objecto de especiais estudos por aquele illustre sábio inglês, a quem se devem importantes descobertas fisico-químicas e, em especial, matéria radiante.

(De «*Les Apparitions des vivants et des morts*» — 2.º vol. — G. Delanne.)

Verificou-se que as radiações do pensamento impressionavam a chapa fotográfica e atribuíram as fotografias e o aparecimento de fantasmas a manifestações *ideoplásticas*.

Segundo esta teoria, inverosímil na maior parte dos casos, os assistentes produziam uma imagem mental que podia tomar forma e ser fotografada.

Mas os fantasmas deslocavam objectos pesados, falavam, (1) deixavam moldagens ôcas em parafina e impressões anatómicas perfeitas sôbre farinha, sôbre argila ou negro de fumo, mostrando que se tratava dum sêr a três dimensões e não era portanto uma imagem ideoplástica.

Então o sorriso dos scépticos secou-se nos lábios e os gestos de desdém contraíram-se num rictus de espanto.

As mais das vezes, porém, as materializações são apenas parciais, freqüentemente mãos e pés que se vêem mergulhar no vaso da parafina e transportam depois as moldagens para cima duma mesa, ou entregam-nas ainda quentes a algum dos circunstantes. (Veja *Revue Métapsychique*).

Os fantasmas materializados comportam-se exactamente como nós, constatando neles o Dr. Hichman as funções normais de res-

(1) «As mais das vezes uma manifestação de voz directa liga-se ao fenómeno luminoso. Vê-se abrir a boca da Entidade, marcada pelos pontos luminosos dos dois lábios e ouvem-se palavras penosamente pronunciadas. A voz é muito distinta duma voz normal, muito especial. Ela parece ligada a uma espécie de movimento vibratório do ar sôbre os lábios e produzida mais por uma aspiração do que por uma expiração. Não tem o carácter da voz laringea. Bastantes vezes é pouco nítida para ser compreendida; mas em certos casos é perfeitamente clara.» (Dr. Gustave Geley, *Ectoplasmie et Clairvoyance*).

piração e circulação, afirmando W. Crookes ter podido contar as pulsações de Katie King e tê-la ouvido falar em voz alta.

Todos os fenómenos espiritistas tem sido confirmados por inúmeros experimentadores, com o concurso de vários médiums.

Não pretendemos recorrer ao argumento de autoridade, mas também não podemos omitir que reconhecemos valor ao testemunho de sábios da envergadura de Crookes, Gibier, Lombroso, Russel Wallace, William Barrett, Flammarion, Aksakoff, Zoëllner, Maxwell, Weber, Fechner, Sir Oliver Lodge, William James, Charles Richet, Rochas, Myers, Bozzano e tantos outros.

O Dr. Ochorowicz declara :



Stasia, materialização dum espírito que acompanhou assiduamente os trabalhos metapsíquicos do Dr. Ochorowicz, professor da Universidade de Lemberg. Fotografia obtida, a pedido do próprio fantasma, sem auxílio de médium, por aquele ilustre sábio.

(De «*Annales des Sciences Psychiques*»)

ciência moderna ensina. Os factos venceram-me. Eles me forçaram a aceitá-los como factos, muito antes que eu pudesse admitir a explicação espiritual — e não havia nesse tempo, lugar nos meus pensamentos para essa concepção ; mas pouco a pouco, lentamente, um lugar se fez.»

Mas enquanto as pessoas que estudam os fenómenos espiritistas chegam a estas conclusões, outras há que, desconhecendo tudo, e à falta de argumentos, in-

«Quando me recordo de que numa certa época eu me admirava da coragem de W. Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos medianímicos ; quando reflito sobretudo que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a cara dos seus colegas ao simples enunciado destas coisas, eu coro de vergonha por mim próprio e pelos outros.»

O Dr. Masucci confessa :

«Fui obrigado a demolir todo o edifício das minhas convicções filosóficas a que tinha consagrado uma parte da minha vida.»

O professor Lombroso, imolando os seus preconceitos, diz :

«Depois de ter negado os fenómenos antes de os observar, foi-me necessário aceitá-los quando, a-pesar-disso, as provas mais manifestas e mais palpáveis caíram sob os meus olhos.»

R. Wallace, o insigne discípulo de Darwin, exprime-se assim :

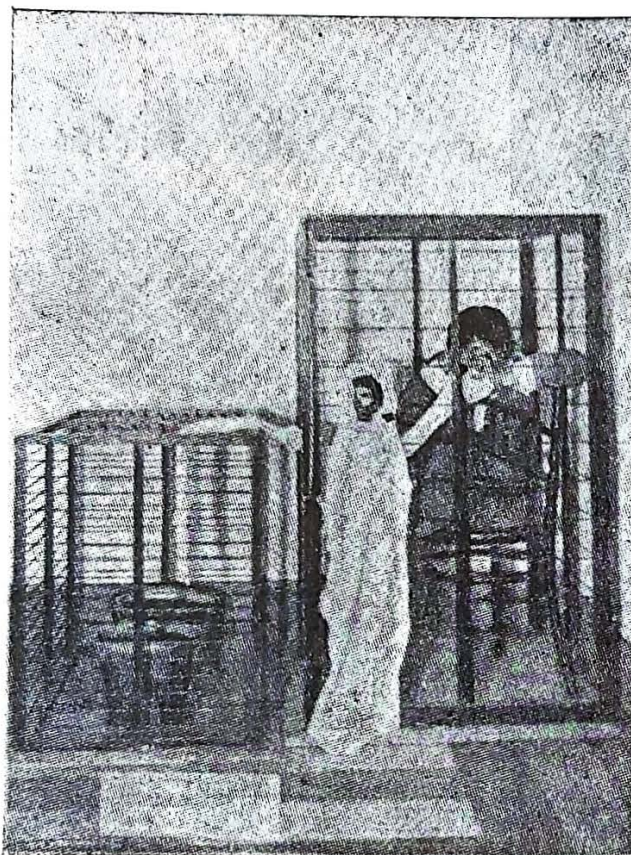
«A minha curiosidade foi a princípio excitada por alguns fenómenos insignificantes, mas inexplicáveis, que se produziam numa família de amigos : e o meu desejo de saber e o meu amor à verdade, forçaram-me a prosseguir nas minhas pesquisas. Os factos tornaram-se cada vez mais certos, mais variados e mais longe do que a

vocam a fraude e a prestidigitação, mais para iludirem a sua ignorância do que para convencerem os outros.

A fraude é até uma prova implícita da realidade dos fenómenos, pois é evidente que ninguém procuraria imitar alguma coisa que não existisse.

Demais, são exactamente os espirítistas sinceros os primeiros a desmascarar os médiuns sempre que os apanham em fraude, e não é crível que a pléiade brilhante de sábios que teem observado e constatado os fenómenos, sejam tão infantis ou tão maus observadores, que a fraude seja possível com as precauções e a vigilância que exercem.

A prestidigitação também não é argumento, pois que ela exige liberdade de



movimentos, emprêgo de material convenientemente preparado para o fim a que se destina e pessoas que auxiliem as sortes, condições estas que não podem realizar-se nas sessões de espiritismo, a menos que se admita a cumplicidade dos assistentes.

Invocam também a obscuridade para justificarem as suas dúvidas, mas não são mais felizes com essa objecção.

Em primeiro lugar, verificou-se que a luz tem uma acção dissolvente sobre as formas materializadas e produz efeitos dolorosos sobre o médium em estado de *transe*; porisso se recorre à obscuridade.

O médium Guzik, por exemplo, que trabalhou quasi sempre na obscuridade, deu lugar ao célebre manifesto dos 35 intellectuais franceses e estrangeiros que assistiram às suas experiências no Instituto Metapsíquico Internacional e termina pela seguinte declaração:

« Afirmamos a nossa convicção de que os fenómenos obtidos com Jean Guzik não são explicáveis, nem por ilusões ou alucinações individuais ou colectivas, nem por qualquer superstição. »

Alguns médiuns célebres como Eusápia Paladino, Willy, Franek Kluski, teem chegado mesmo a tra-

Uma materialização, vendo-se o médium dentro da gaiola à direita do leitor. Da boca do médium sai uma facha branca (ectoplasma) que se dirige para a outra gaiola onde se encontram os baldes preparados com parafina fundida para as moldagens.

(De «O Trabalho dos Mortos» — Nogueira de Faria

balhar com luz, pelo menos com a luz vermelha.

Temos tratado apenas da fenomenologia espirítista nas suas linhas gerais, esboçando-a vagamente, pois o seu estudo mais completo constitui assunto para artigos especiais.

A quem pretender mais elementos concretos, recomendamos a bela obra do illustre engenheiro Gabriel Delanne «*Les apparitions matérialisées des vivants et des morts*», que, por si só, vale uma bibliografia colossal. (1)

(1) Algumas das obras mais importantes a consultar: *La survivance humaine* — Sir Oliver Lodge; *Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme* — Sir William Crookes, *Animisme et Spiritisme* — Aksakoff; *Au seuil de l'Invisible* — William Barrett; *La survi-*

Pelo menos, a fenomenologia espiritista serve de fundamento à prova experimental da sobrevivência à morte, e a imortalidade, decorre daí naturalmente, por indução.

Não consideramos também neste artigo outras provas da imortalidade, porque elas dizem mais particularmente respeito à teoria da reencarnação que será tratada noutro artigo.

Procurámos esboçar as provas da imortalidade mas não pudemos suprir as deficiências dos nossos recursos pessoais.

Contudo, parece-nos ser cada uma das provas tão frisante e o seu conjunto tão claro e convincente que elas falarão por, si já que não lhe soubemos dar o devido relêvo.

E' certo que é impossível de convencer aqueles que se obstinam em não querer renunciar aos seus preconceitos, porque, para êles, todo o esforço é inútil, o raciocínio mais límpido e transparente torna-se obscuro e opaco, e a prova mais firme não tem valor.

Mas até êsses encontram na vasta bibliografia do Espiritismo elementos preciosos de estudo, a-fim-de poderem reproduzir os fenómenos e certificarem-se por si mesmos da verdade.

O Espiritismo não assenta em dogmas que se aceitem pela fé, mas em princípios deduzidos directamente da experiência, e podem ser portanto constantemente verificados.

Porisso, a negação do Espiritismo, não representa uma legítima reacção da inteligência contra imposições arbitrárias e dogmáticas, mas uma atitude cómoda da ignorância.



Cabeça de mulher

Uma materialização parcial

(De «*L'Ectoplasmie et la Clairvoyance*»
— Dr. G. Geley)

ANTÓNIO L. VILELA

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

I I I

Assim como o perispírito modela e orienta a plasticidade embrionária de todos os seres, (como vimos no número anterior), dando-lhe a personalidade típica, característica para cada corpo físico, assim também é o perispírito que reconstitui e modela todos os traços fisionómicos, dando todo o relêvo individual aos *duplos* nos fenómenos de desdobramento, bilocação ou bicorporiedade, registados profusamente nos anais espíritas, metapsíquicos e hipnomagnéticos, de que reproduzimos algumas fotogravuras. (1)

E' ainda pelo mesmo mecanismo que o perispírito imprime todo o cunho da individualidade inconfundível aos desincarnados, quer entre si no Astral, quer nas suas aparições aos incarnados.

As materializações, hoje tão vulgarizadas, experimentalmente, nos países cultos, mas tão velhas como o mundo, ocupando interessantes capítulos na história sagrada e até na história profana, são moldadas pelo perispírito, que no seu dinamismo íntimo lhes imprime tóda a plasticidade, corporizando-as, individualizando-as.

O desincarnado vai absorver o *ectoplasma* — matéria prima da materialização — ao médium, aos circunstantes, mesmo ao meio ambiente em certas circunstâncias, até à reprodução fiel, mais ou menos completa, mas sempre duma semelhança fisionómica flagrante ao corpo material da sua última encarnação, para assim melhor comprovar a sua identidade.

A *regressão da memória*, através das vidas passadas já obtida por muitos experimentadores, desde o coronel Rochas d'Aiglun até Charles Lancelin e Cojavi-da, leva-nos à conclusão de que é nas camadas mais quintessenciadas e permanentes do perispírito que está registado o arquivo precioso de todas as nossas vidas passadas, através de milénios incontáveis, repositório de todos os nossos conhecimentos mo-

(1) De dia para dia os duplos estão tomando um lugar proeminente no estudo e observação dos fenómenos metapsíquicos. A clássica obra de Gurney, Myers, Podmore — «*Fantasmas dos Vivos*» — regista 668 casos devidamente autenticados. O grande experimentador, Hector Durville, dedicou-lhe um dos seus melhores livros — «O fantasma dos vivos». Os «*Proceedings of Society for Psychological Research*» dirigidos pelos mais eminentes sábios ingleses, desde o ilustre naturalista Wallace aos físicos de renome mundial, W. Barrett e Oliver Lodge, consagra-lhe alguns dos seus melhores capítulos.

Todos aqueles que estudarem o mecanismo dos duplos facilmente compreenderão a sobrevivência da alma e a causa determinante de tantíssimos fenómenos reputados *miraculosos*, extra-muros da ciência oficial por ignorar o seu determinismo lógico e natural.

Os duplos apresentam-se quasi sempre numa manifesta aparência de vida, ainda que mais ou menos condensados, visíveis mesmo em plena obscuridade pela luminosidade que irradiam, variável de indivíduo para indivíduo. Quando suficientemente condensado, quando bem materializado, o duplo ou fantasma dos vivos pode realizar todos os actos correspondentes à capacidade dinâmica do seu corpo físico. Vários casos registados por A. Aksakoff e outros autores confirmam este facto, a que poderíamos chegar por lógicas deduções ou pelo método da analogia.

Para melhor elucidação vamos transcrever alguns casos concretos que resumiremos: O tenente-general Albert Fitch, do exército inglês, assim se expressa: — «Um inci-

rais e intelectuais, resultantes dos nossos esforços evolutivos, estendal de todos os nossos vícios e crimes, num atavismo ancestral onde estão inscritos todas as nossas quedas e triunfos, através do calvário das nossas inúmeras reencarnações kármicas.

A experiência tem comprovado que o perispírito resiste às mais potentes forças físico-químicas, como lógica consequência da elevada eterização dos seus fluidos constitutivos, desde o calor tórrido ao frio glacial, à electricidade, a todos os elementos e forças da natureza, ficando refractário e incolume, sem perder a sua individualidade.



Duplo obtido inconscientemente e casualmente quando se tirava a fotografia da senhora M. B. em franca convalescença duma grave doença. O seu fantasma está ao lado esquerdo da fotografada, apresentando a rara particularidade de estar vestido diferentemente.

(Do Coronel-Conde Rochas d'Aiglun — «Annales Psychiques»)

Sabemos ainda que o perispírito se desloca em certas circunstâncias com uma velocidade vertiginosa, como que acompanhando o pensamento, dando, por vezes, a ilusão da ubiqüidade, impulsionado pela força-vontade, seu único motor, atravessando todos os obstáculos, varando cordilheiras como um raio de sol atravessa uma placa de cristal, mergulhando no fundo dos oceanos para alçar vôo aos páramos siderais, a êsse Astral misterioso e perturbante, sem alterar a sua forma ou abdicar da sua individualidade, invariavelmente ligado ao corpo físico pelo cordão astral, que, pela sua fluidez, possui um poder indeterminado de elasticidade.

E' êste fantasma dos vivos que constitui um dos capítulos mais sedutores dos modernos trabalhos experimentais da hipnomagnetologia e do auto-desdobramento, complexo no seu estudo, mas cheio de encantos nos seus resultados, ainda que deli-

dente extraordinário, que fez na minha imaginação uma impressão profunda, deu-se quando eu estava de guarnição em Maulmain.

Vi um fantasma, vi-o com os meus próprios olhos, e em plena luz do dia. Posso declará-lo sob juramento.

Vivera eu outrora na maior intimidade com um velho condiscípulo que fôra meu amigo na Universidade. Havia, porém, muitos anos que não nos víamos.

Uma manhã, quando me levantava e vestia, entrou subitamente no meu quarto o meu velho amigo. Acolhi-o calorosamente e disse-lhe que pedisse para lhe trazerem uma chávena de chá para a varanda; mas, quando lá cheguei, não encontrei ninguém.

Não podia acreditar os meus próprios olhos. Chamei a sentinela, postada em frente da casa; mas ela não vira entrar nessa manhã pessoa alguma. Os criados fizeram igual declaração. E todavia eu tinha a certeza de ter visto o meu amigo.

Quinze dias mais tarde soube que êsse meu amigo tinha morrido a duzentas léguas de distância, aproximadamente, no momento que eu o vira em minha casa».

J. Addigton Symonds, apreciado historiador inglês, conta o seguinte facto: — «Era eu então rapaz ainda, aluno da 6.^a classe no colégio de Harroso e como era o primeiro classificado tinha um quarto privativo.

Um dia, de manhã, quando iniciava o estudo das minhas lições vi, entre mim e a porta, o dr. Macleane, com o resto pálido, dizendo-me: — vou partir para uma longa viagem; velai por meu filho.

Ora o dr. Macleane morreu nêsse mesmo dia em Clifton, mas não sei a hora da sua morte».

O rev. Thomas Lockyes, pastor protestante em Portleven, perto de Histon, declara:

cado e perigoso no seu mecanismo, quando não seja orientado por hábeis e conscienciosos operadores.



Duplo obtido acidentalmente em Lyon quando se fotografava este grupo. O fantasma da senhora que ocupa o centro está ao seu lado esquerdo, em vez de ocupar o lado direito, como é mais vulgar, apresentando outras particularidades interessantes.

(Do «*Annales Psychiques*»)

-pensamentos que nos sejam projectados, consciente ou inconscientemente, através da maldade humana.

— «Há alguns anos, andando eu em viagem no Sowersetshire, minha esposa ao despertar, viu-me distintamente de pé aos pés da cama.

Assustou-se, como era natural, pois bem sabia que eu não podia corporalmente estar ali.

Numa outra ocasião, dirigindo-se á igreja, viu-me sair desta, vestido de sôbrepeliz e estola, caminhar para ela e torneando uma esquina desaparecer em seguida. E entrando logo dentro da igreja verificou que eu estava no côro, dirigindo os officios religiosos.

Minha filha atesta também que, passando um dia pela porta do meu gabinete de trabalho, que estava aberto, e em ocasião em que eu não estava em casa, me vira sentado à minha secretária, numa attitude que me era habitual».

Seriam inumeráveis os casos a relatar, de verificação devidamente autenticada, alguns muito interessantes, mas extensos, dignos de figurarem em artigos especiais. No entanto, não devemos deixar de nos referir ao caso clássico de M.^{lle} Emilie Sagée, que, sendo uma professora distintissima, teve de sair de quarenta colégios com os mais honrosos atestados, devido ao facto de se desdobrar inconscientemente com muita frequência, produzindo grandes sustos entre as educandas e discipulas, que viam duas Emilie Sagées simultânea e quasi diariamente, mais ou menos distantes, e, por vezes, difficil de saber qual delas correspondia ao duplo. A. Aksakof narra minuciosamente este facto no seu tratado — «Anímismo e Espiritismo» — obra digna de ser lida por todos os estudiosos, e ainda hoje clássica.

*

O perispírito é a génese e ponto de partida onde se reflectem todas as nossas formas-pensamentos, modos peculiares da vibração da nossa intelligência e dos nossos sentimentos, modelados em matéria subtilíssima mental e astral, visíveis no seu polimorfismo e policromia aos clarividentes naturais ou artificiais.

As nossas formas-pensamentos podem levar no seu seio a guerra ou a paz da Humanidade — o ódio homicida de Caim ou o amor divino de Jesus numa — vitalidade e acção que desafiam o tempo e o espaço, projectando-se certamente no alvo vizado, quer para o bem, quer para o mal.

Cultivar o pensamento, concentrá-lo, fazê-lo irradiar em ondulações de Paz, de Harmonia, de Amor, para tóda a Humanidade, impulsionando-o com uma vontade fortemente sincera e disciplinada, é, talvez, uma das mais belas prerogativas da alma humana, indo os resultados práticos além da nossa expectativa mais optimista, quer para o nosso progresso moral, quer como paládio para todas as formas-

Todos nós boiamos num oceano infinito de formas-pensamentos de ordens variadíssimas e complexas, função da nossa evolução moral e intelectual, reagindo intensa e constantemente sôbre as nossas individualidades na ânsia dum mesmo ritmo vibratório.

Uma forma-pensamento quando bem dinamizada e projectada, tanto pode determinar um crime, como operar uma redenção.

O tratamento mental *a distância* — mal esboçado praticamente por enquanto — será num futuro, não muito longínquo, um dos capítulos mais interessantes e proveitosos da terapêutica, e é neste processo que se filiam algumas curas reputadas *milagrosas* pelos profanos.

A experiência tem comprovado, quer pela clarividência, quer pela fotografia (1), que os pensamentos não são meras vibrações dos *neurones* específicos, nem ficam tão pouco localizados à caixa craneana, numa concepção abstracta e imaterial.

Os pensamentos tem realidade e vida própria, função do grau de intensidade da concentração da vontade que os impulsiona e da emoção e da inteligência que os modela e define.

A vitalidade das formas-pensamentos, de duração mais ou menos longa, podendo atingir, talvez, longevidades seculares, deriva sobretudo da nitidez da idéa, da intensidade do sentimento que a anima, e, muito especialmente, da condensação do esforço volitivo para a sua projecção.

Sem pretendermos estabelecer uma analogia, a alma humana, no seu complexo e poderoso dinamismo, deve possuir maiores poderes de transmissão e de recepção do que o sistema mais potente da telegrafia sem fio de Marconi, em harmonia com as recentes experiências do professor Cazzamali relativas às ondulações cerebrais, que, em última análise, levanta já uma pequena ponta



Dr. Sigurd Trier, Presidente da Sociedade Metapsíquica Dinamarqueza, redactor-chefe da revista — «Sandliedssoergeren» — tendo à sua esquerda o seu duplo e à sua direita o fantasma duma senhora inglesa recentemente falecida.

Esta fotografia foi obtida em Londres pelo fotógrafo medianímico, M. R. Bournell, controlada pelo médico sueco, Dr. O. T. Axell e pelo médico dinamarquês, Dr. Harry Holst, membros da Comissão Metapsíquica Escandinava (1906).

(De «La Photographie Transcendentale»)

(1) Existem vários processos para obter as formas-pensamentos. Como não se trata dum artigo especial sôbre este assunto, mas que publicaremos em tempo oportuno, limitamo-

do véu de tantíssimos fenómenos misteriosos do domínio da metapsíquica, desde a telepatia à psicomетria, no vastíssimo âmbito da metagnomia.

Na verdade, todos nós somos assediados por uma infinidade de formas-pensamentos, num vai-vem contínuo, realidades objectivas de todo o dinamismo anímico do cosmo, numa solidariedade, por vezes, contrafeita, com diferenciações acentuadas e variadíssimas, num antagonismo, muitas vezes, irreductível, regida pela lei das afinidades fluídicas e vibratórias, função da natureza desses mesmos pensamentos.

Uma forma-pensamento onde palpita a abnegação e o altruismo, consubstanciando o pensamento dominante de Cristo, não pode infiltrar-se na alma ou perispírito dum scelerado, mas atenuará parcialmente as vibrações antagónicas das suas formas-pensamentos onde treveja o ódio e a vingança; mas, em compensação, por simpatia vibratória, intensificará a acção de todas as formas-pensamentos similares, despertando mesmo a bondade entorpecida e apática, insuflando-lhe uma nova energia vibrátil.

Tôda a essência da vida universal é tecida de fluidos e de vibrações, desde a pétala duma flôr até ao mais elevado surto do génio humano, desde o ulular do ódio até ao sacrifício máximo da Renúncia, expresso no Gólgota.

Assim orientados, o Espiritismo, e, bem assim, todas as escolas neo-espiritualistas herméticas e esotéricas recomendam insistentemente a todos os seus filiados que a uma hora determinada, cuja escolha não é indiferente, façam irradiar da sua alma formas-pensamentos em ondulações de amor, paz e harmonia para tôda esta Humanidade, desvairada pelo egoísmo e vaidade, ululante de ódios e de sensualismo.

Estas formas-pensamentos, animadas do mesmo ritmo de resgate e de redenção, idênticas em natureza e finalidade, fundir-se-hão para constituir essas admiráveis *egrégoras*, lindamente contornadas, duma policromia arcoirizada, cavaleiros andantes que vão combater em rudes e silenciosos combates essas hordas tremendas e ferocíssimas capitaneadas pela ruindade e perversidade humanas, expressas nas suas malignas formas-pensamentos.

Tôda a nossa evolução moral e mental se degladiava entre as *egrégoras* do Bem e as *egrégoras* do Mal. E como o mal é transitório e efémero em todos os seus múltiplos aspectos, como produto rácico da ignorância que a lei da evolução espiritual dissolverá no pleno conhecimento da Verdade, expressa no entendimento das leis imutáveis, eternas, divinas, que regem o Universo, o triunfo caberá dentro do espaço e do tempo, às *egrégoras* do Bem. E' uma simples questão de tempo, através do nosso esforço volitivo em gradações ascencionais, na ância indómita da Perfectibilidade, sejam quais forem as oscilações determinadas pelo nosso livre arbítrio e cegueira moral, mas sempre impulsionados para uma finalidade que vise transformar o homem-adâmico no super-homem, e em oscilações radiantes de glória o super-homem (Cristo) no homem-deus, para o que será só suficiente e necessário dinamizar as potencialidades divinas concentradas em germen no espírito humano.

Continua.

ANTONIO J. FREIRE

-nos a descrever o processo simplicíssimo de Noels e Dardenne da Sociedade Metapsíquica de Bruxelas.

Prática:—«A chapa é colocada no banho revelador na obscuridade, a gelatina por cima, applicando directamente três dedos da mão direita do *passivo*, e a mão esquerda sobre a direita. As duas mãos e a cuveta serão recobertas dum pano negro sobre o qual o *passivo* repousará a cabeça, apoiando-a sobre as mãos.

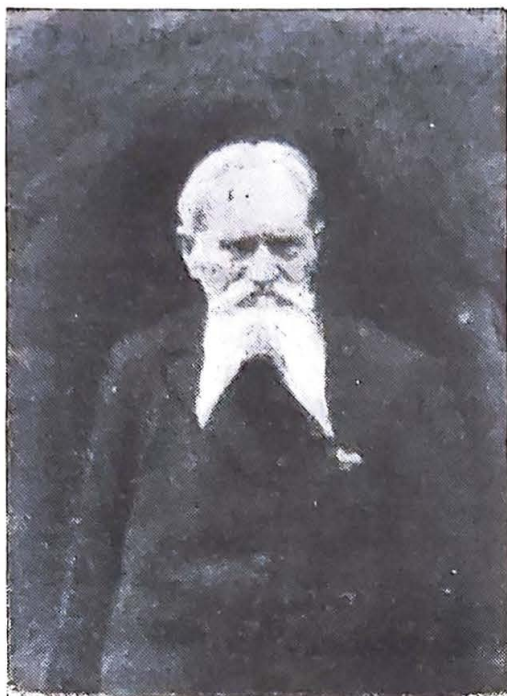
Pensará, então, intensivamente sobre o objecto a reproduzir (triângulo, quadrado, garrafa, emfim, qualquer objecto **bem definido mentalmente**) que terá designado no começo da experiência, projectando seus fluidos com tôda a boa vontade sobre a placa fotográfica.

Tempo de pose — quinze minutos aproximadamente.

Ao sair do banho revelador, a chapa será cuidadosamente lavada, fixada, lavada de novo immediatamente e secada.

As mãos do *passivo* devem ser préviamente ensaboadas e depois passadas ao alcohol.»

Léon Denis



Léon Denis

Léon Denis — o rouxinol do Espiritismo — como era cognominado carinhosamente no meio espírita de Portugal, desincarnou em Tours (França) ao desabrochar das flores de Abril.

A sua vida foi a mais nobre exemplificação da doutrina espírita que soube viver pelo seu privilegiado cérebro e pelo seu magnânimo coração, em rasgos luminosos de inteligência e de bondade, através das suas obras magistrais, das melhores que se tem escrito sobre Espiritismo.

E', sem dúvida, o escritor espírita contemporâneo mais popular e que melhor soube vulgarizar a verdade científica e a beleza moral do Espiritismo, tendo algumas das suas obras atingido tiragens de centenas de mil exemplares, estando quasi todas traduzidas nos países cultos do novo e do velho mundo.

Tão grande pelo talento como pela virtude, Léon Denis foi um dos maiores apóstolos do Espiritismo, consolidando, pelo seu admirável

esforço científico conjuntamente com o ilustre engenheiro Gabriel Delanne, há pouco também desincarnado, a obra grandiosa de Allan Kardec, que tão profunda e salutar revolução vem produzindo no pensamento contemporâneo, insuflando-lhe uma redentora rajada de espiritualidade, desviando-o da sua clássica directriz de descrença e de materialismo.

- Glória, pois, ao Mestre querido.

Escritor primoroso, polemista inquebrantável, conferencista eloquente e persuasivo, Léon Denis, Presidente do último Congresso Internacional de Espiritismo, Presidente de Honra da «Union Spirite Française» — a quem acompanhamos fraternalmente na sua saúde — lega-nos, a par da sua vida modelar, uma obra vasta e imorredoura que perdurará como um glorioso padrão, através das vicissitudes da nossa falsa civilização, em franca bancarrota social, política, moral e religiosa.

A sua obra há-de ser um farol dos mais refulgentes ainda para a moderna geração, que, no seu estudo e meditação, aprenderá a respeitar e a amar um dos mais bondosos e iluminados condutores da Humanidade.

«O Problema do Sêr e do Destino», «O Mundo Invisível», «Cristianismo e Espiritismo» — constituem, sem favor, uma trilogia tecida de Luz e de Harmonia, tendo por cúpula essa obra magistral — **«Depois da Morte»**, — iluminando tôda a nossa evolução anímica.

A sua obra é vastíssima e luminosa.

As suas conferências contam-se por muitas centenas, e tôda a ardorosa via dêste valoroso progagandista era, invariavelmente, norteadada numa fé raciocinada, indo do cérebro ao coração, em que a lógica convicção sobrepujava a doce esperança, em ondulações scintilantes de sciência e de crítica.

Allan Kardec, Gabriel Delanne e Léon Denis constituem a trindade augusta donde irradia, em fulgores geniais, a Luz da redenção e de resgate que, partindo da França negativista, espargue numa nova alvorada de neoespiritualidade a ânsia da almejada Religião-Sciência numa plena confraternização dos povos, em que Cristo reinará, tanto nos cérebros como nos corações da Humanidade, num concerto harmónico de sciências, filosofias e religiões.

- Glória, pois, aos Mestres queridos.

A COMISSÃO DIRECTIVA

CRÓNICA ESTRANGEIRA

MEDIUNIDADES NOTÁVEIS

CARLOS MIRABELLI

Está atraindo apaixonadamente a atenção do mundo espírita e metapsiquista, o caso do médium célebre que se chama Carlos Mirabelli.

Trata-se dum comerciante brasileiro, hoje com 38 anos, filho de pais italianos, nascido em Botucatu, no estado de São Paulo, que desde muito novo manifestou um nervosismo exaltado, precursor da mediunidade mais assombrosa e complexa até hoje registada nos anais da psicologia.

Apesar dos abundantes e valiosos testemunhos que os autenticam, fica-se ainda duvidando da realidade dos fenómenos, tão extra-normais eles se revelam através de quasi todas as modalidades conhecidas e apontadas na metapsíquica; com a particularidade notável de se encontrarem reunidas neste homem extraordinário, sem que por isso sejam diminuídas as suas potencialidades singulares.

E' bem conhecido de quem estuda estes fenómenos transcendentales que, na generalidade, quando aumentam as manifestações objectivas, diminuem as subjectivas e vice-versa. E' o que se tem verificado em todos os médiuns que mais se têm distinguido por faculdades excepcionais.

Ora Mirabelli faz excepção à regra, não só neste ponto, mas em muitos outros, particularmente por ser o primeiro médium que determina fenómenos ectoplásmicos ou de materialização, à luz do dia ou sob a incidência de potentes focos de luz artificial, e em circunstâncias várias: na rua, no comboio, em qualquer estabelecimento, etc.

Por intermédio de Mirabelli observam-se todos os fenómenos objectivos de telergia e telekinésia, como são o transporte de objectos sem contacto, a levitação, a moldagem e impressão com vestígios persistentes em várias substâncias, etc.

Produz igualmente, quer isolada quer simultaneamente, os fenómenos subjectivos que os metapsiquistas usam designar por personificações metapsíquicas e propopese e que nós, espíritas, conhecemos e explicamos mais simplesmente como incorporações de espíritos. Durante elas Mirabelli fala todas as línguas conhecidas, mesmo extintas, e dialetos africanos e asiáticos, ou escreve automaticamente longas mensagens de alto valor intelectual e moral também em todas as línguas, assinadas por homens ilustres com autógrafos que em muitos casos, se reconheceram idênticos áqueles com que em vida se subscreviam.

Antes de expôr os factos estupefacientes que constituem a sua vasta e complexa fenomenologia, devo dizer que eles foram observados por as mais altas individualidades do Brasil, no número das quais se conta o presidente da República, sr. Dr. Washington Luís.

Entre as 555 pessoas que reputam os factos absolutamente autênticos, figuram 72 médicos, o que já é para ter em consideração.

E a razão disto, explica-se.

Para estudar os fenómenos produzidos por Mirabelli, constituiu-se em São Paulo uma agremiação científica, em que os factos são rigorosamente observados e registados por meio dos mais modernos aparelhos de laboratório, sem obrigar todavia os seus membros a perfilhar qualquer hipótese ou teoria filosófica que os explique. E' pois desta associação metapsíquica, a Academia César Lombroso, que provêem em grande parte os fenómenos que vou narrar e que, por certo, interessarão vivamente a opinião pública tão rigorosas fôram as experiências e tão selectos os observadores.

Apareceu há algum tempo uma publicação editada por Rodolpho Mikulasch (Rua Ypiranga, 50 — S. Vicente. Santos. S. Paulo — *Brazil*) com o título — « *O Medium Mirabelli. O que há de verdadeiro nos seus milagres. A sua mediunidade discutida e provada* » —, em que vem pormenorizadamente narradas as proezas extraordinárias d'este homem singular, reproduzidas com minúcia no último número de « *Revista de Metapsíquica* » pela pena brilhante do seu ilustre cronista e prodigioso metagnomo, Mr. Pascal Forthuny.

Daí vou extrair, sem comentários, os factos interessantes que êle aponta, visto ainda não estar de posse do livrinho publicado.

Sôbre a mediunidade falante citam-se discursos memoráveis relativos a vários temas de direito, religiões, artes, sciências, sociologia, etc.

Entre os mais importantes enumeram-se: A acção fisiológica das vibrações mentais; A influência dos armamentos no direito internacional; O Ideal social e a igualdade económica; Funções do Capital e do Trabalho; As religiões perante a sciência; As tendências humanas em relação com o instinto animal; Darwin perante a Bíblia; Marte é habitado?, etc.

Na sua mediunidade psicográfica, Mirabelli diz-se inspirado pelos espíritos de vários homens célebres que se distinguiram especialmente nos assuntos de que tratam as comunicações, atingindo então o seu grafismo uma tal velocidade que se torna impossível deixar de lhe atribuir uma origem supranormal.

O estado físico do médium altera-se profundamente durante essas produções excedendo por vezes 2 gráus e meio a sua temperatura normal, pulso com frequência exagerada, por vezes incontável (120 a 150), respiração curta e apressada; salivação abundante, contracções musculares ou rigidez cadavérica, insensibilidade às temperaturas extremas e à dor.

Produziu assim notáveis comunicações, e entre elas as seguintes:

Em polaco: *Polónia resuscitada*, 5 páginas escritas em 15 minutos. — Em tcheco, assinada João Huss: *Independência da Tchecoslováquia*, 9 pág. em 20 m. *Caracteres psicológicos da raça slava*, 15 pág. em 35 m. — Em búlgaro, assinada pelo imperador Francisco José; *Meyerling-Sarajevo-Versailles*, 6 pág. em 20 m. Em hebreu, assinada por Moisés: *A maledicência humana*, 4 pág. em 12 m. — Em catalão, assinada por Scacciotto: *A morte de Ferrer e o ensino laico*, 3 pág. em 6 m. — Em alemão, assinada pela Imperatriz: *Grande Alemanha oprimida e renovada*, 12 pág. em 20 m. — Em holandês, de Ruyter: *A rivalidade armada*, 6 pág. em 20 min. — Em persa, de Alexandre, o Grande: *A instabilidade dos Impérios*, 15 pág. em 40 m. — Em irlandês: *Grã-Bretanha e Irlanda*, 8 pág. em 25 m. — Em inglês, de Shakespeare: *Coisas do Céu e da Terra*, 12 pág. em 25 m. — Em italiano de E. de Amicis: *O amor do próximo*, 40 pág. em 90 m. — Em albanês, de Tarko: *A questão balkânica*, 3 pág. em 15 m. — Em latim, de Virgílio: *As grandes tradições da latinidade*, 4 pág. em 15 m. — Em francês, de Camilo Flammarion: *Os planetas habitáveis*, 14 pág. em 19 m. — Em japonês, de Muri-Ka-Ksi: *A guerra russo-japonesa*, 5 pág. em 12 m. — Em grego antigo, de Demóstenes: *Roma e Atenas*, 12 pág. em 22 m. — Em chinês, de La T'o: *Apologia do budismo*, 8 pág. em 15 m. — Em siríaco, de Haroun Al Raschid: *Allah e as suas profetisas*, 15 pág. em 22 m. — Em russo, de Tolstoi: *O novo estado social*, 14 pág. em 28 m. Em francês, espanhol, alemão e português, de Francisco Ferrer: *Os meus assassinos*, 16 pág. em 38 m.

Os fenómenos objectivos excedem tudo o que possa imaginar-se.

Citam-se por exemplo as materializações dum marechal e dum bispo em plena luz e diante de numeroso público.

Em Santos, na séde da Academia César Lombroso, após pancadas na mesa, ouve-se uma voz que um dos assistentes, o Dr. G. de Sousa, (estavam presentes 20 médicos e 7 professores) reconhece ser a duma sua filha falecida, que logo a seguir lhe aparece materializada com o fato com que foi sepultada. Estabelece-se um

diálogo entre ambos em que se recordam factos da sua meninice, e durante mais de meia hora observa-se o fantasma, que tem a aparência dum vivo e pôde ser fotografado. Desaparece elevando-se no espaço. Tudo isto se passou à luz do dia e pelas 9 horas da manhã.

E' também extraordinária a materialização do bispo D. José de Camargo Barros, pela perfeição como se apresenta, pois observado por um médico verifica-se que o coração bate, os pulmões respiram, tem dentes, véu palatino e produz saliva. Apresenta-se com o seu báculo e falando português. Ao desmaterializar-se a sua desapareição é gradual, diminuindo até uns 30 centímetros, esvaindo-se então.

A materialização do Dr. Bezerra de Menezes foi frequentes vezes fotografada e não deixou dúvidas aos seus antigos companheiros que era bem êle com quem se achavam. Deixou-se auscultar e observar minuciosamente.

Um outro caso de materialização é atestado pelo médico, Dr. Olegário de Moura, que a considera tão perfeita como se fôsse uma criatura normalmente constituida. Tratava-se dum califa árabe que falava a sua língua e declarou chamar-se Harum Al Raschid. Desapareceu depois de ter levitado algum tempo.

Vejamos agora os fenómenos de telequinésia, ou sejam os movimentos de objectos sem contacto do médium e a distância dêle.

Numa farmácia, um crâneo colocado no laboratório vem pelo ar e cai depois de ter percorrido alguns metros!

Um violino toca sem executante, um livro é folheado sem se ver o leitor.

Numa festa, diante de 1000 pessoas, a presença de Mirabelli dá logar a que se oiça uma marcha de tambores e clarins!

As bolas de bilhar deslocam-se à sua aproximação, embora se encontre ainda a alguns metros de distância.

Atestado pelo senador Muniz Sodré e por nmerosos assistentes, um objecto inconfundível, fechado à chave num móvel em casa do referido senador, vem até junto do grupo que estava reunido a distância considerável da referida casa!

Fecho esta narração com as levitações e desmaterializações do médium, que, por insólitas, chegam a ser inverosímeis.

Assim, na Academia, o médium ligado ao fauteuil em que se senta, eleva-se no ar até 2 metros, permitindo que os assistentes passem por baixo!

Uma vez indo de passeio, de automóvel, com vários amigos, fica levitando a 2 metros de altura, durante 3 minutos, no lugar de Bouqueraoo, em Santos!!

Noutra ocasião, na sede da Academia, Mirabelli, desmaterializou-se e passou através das portas fechadas à chave, indo encontrar-se noutra casa distante!!!

Porém a mais extraordinária e incrível desmaterialização e transporte do médium, fez-se numa extensão de 90 quilómetros, desde a gare da Luz à de S. Vicente, e num espaço de tempo inferior a 15 minutos. Afirmam-no várias pessoas que o acompanhavam e as que telefonaram comunicando a sua chegada a S. Vicente!!!

Êste médium excepcional constitui, pelos factos que determina, um verdadeiro tratado de metapsíquica *vivo*, mais completo que as mais documentadas obras do género.

PEDRO CARDIA

A-fim-de lhes evitar os pesados encargos da cobrança pelo correio, pedimos aos nossos Prezados Assinantes a fineza de nos enviarem directamente a importancia das suas assinaturas anuais até ao fim de Julho corrente, o que reconhecidamente agradecemos

FACTOS SUPRANORMAIS

UMA NOVA MEDIUNIDADE

(Psicografia epidérmica)

Do semanário espírita — «*Mundo Espírita*» — do Rio de Janeiro, denodado campeão do Espiritismo, brilhantemente dirigido pelo nosso ilustre Confrade, sr. C. A. Nóbrega da Cunha, transcrevemos mais uma interessante maravilha da fenomenologia espírita :

«No mês de Setembro do ano passado, achava-me na cidade de Belém, (Pará), onde, certo dia, tratando de negócios comerciais na «Chapelaria Cruz», estabelecimento da propriedade da firma J. Cruz, sito à rua Conselheiro João Alfredo, n.º 101, fui informado da existência de uma médium, pela qual se produzia o interessante fenómeno da escrita epidérmica. Adepto como sou da doutrina Espírita, demonstrei ardente desejo de conhecer a pessoa portadora dessa mediunidade e assistir à produção desse fenómeno.

O Sr. J. Cruz, que reside, com sua família, nos altos do estabelecimento de sua propriedade, prontificou-se a dar as providências necessárias para que, dois dias depois, em sua própria casa, tivesse lugar a reunião desejada. Assim foi, que, no dia aprazado, (domingo), às 2 horas da tarde, lá estava, acompanhado de mais três pessoas de minhas relações, já tendo encontrado ali a sala repleta de senhoras e cavalheiros da sociedade belenense, inclusivé a médium, senhora de 35 anos de idade presumíveis, franzina, estatura mediana, trajando humildemente à moda da roça, tipo de cabocla, de instrução rudimentar e de uma humildade e ingenuidade impressionantes.

A convite do Sr. Cruz, a médium tomou assento, com outras pessoas, ao redor de uma mesa, tendo, nessa ocasião, feito descer o casaco que vestia, na parte correspondente às costas, deixando livre esta parte tódá, bem como os braços nus, para que fôsse por todos os presentes examinada e observada, o que foi feito rigorosamente pela assistência.

Fez-se silêncio, enquanto a médium se concentrava, acto êste que durou de 5 a 10 minutos, depois dos quais observámos que nas suas costas afloravam, aos poucos, uns traços de letras sanguíneas, em relêvo, de dentro da epiderme para fora, traços êstes que se foram tornando vivos e grossos, de modo que, dentro de poucos minutos, lá estava escrita uma mensagem, em letras artisticamente desenhadas, em caracteres Gótico, Itálico e Inglês, concebida nos seguintes termos: — «**António de Sousa e Silva**», (tipo de letras itálicas), «**Deus é a verdade única**», (tipo de letras góticas), «**é a sabedoria infinita**», (tipo de letras inglesas).

Tentámos fazer desaparecer as letras, friccionando-as com um lenço humedecido com alcool, éter e benzina, mas quanto mais friccionávamos, mais vivas se tornavam elas, sôbre a epiderme da médium.

António de Sousa e Silva, que se achava presente, declarou que aquela mensagem não poderia deixar de ser dirigida à sua pessoa, por isso que êle era incrédulo, e ali se achava por mera curiosidade, já de antemão gosando o fracasso ou prevendo um embuste para opôr seu desmentido. Entretanto, dali saía convencido da realidade do que via à luz meridiana e pronto a ingressar nas fileiras do Espiritismo, para o que ia, no dia seguinte, adquirir os livros necessários ao estudo.

— Foram meus companheiros : José Ferreira da Silva, Comandante Caldas e A. Garcia, todos residentes em Belém, (Pará).»

LUÍS FIALHO

REVISTA DAS REVISTAS

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

A aspiração máxima dos espíritas portugueses teve, enfim, uma realização prática e efectiva.

A Federação Espírita Portuguesa está constituída *de facto e de direito*.

Se esta legítima e lógica aspiração não tivesse brotado da alma dos espíritas portugueses, vibrando em unísono, certamente a sua realização objectiva seria impracticável, fôssem quais fôssem os esforços que um reduzido número empregasse nesse sentido.

No vasto e complexo âmbito da actividade humana — científico, moral e estético — as idéas, as mais belas e nobres, não se impõem, seja qual fôr o seu valor intrínseco, teórico ou prático, enquanto as condições mesológicas — no seu sentido mais lato — função do estado evolutivo dessa sociedade, não estiverem convenientemente preparadas, para ali se radicarem e frutificarem.

O grau óptimo de receptibilidade, traduzido pela oportunidade triunfante, é o êxito completo da aplicação da lei do menor esforço e o segredo das grandes realizações renovadoras.

Foi por êste motivo que falharam várias tentativas, realizadas anteriormente com tanta dedicação e tenacidade, para instituírem a Federação Espírita Portuguesa.

O grande êxito das realizações sociais não se mede para o seu triunfo — repetimos — pelo somatório das diversas modalidades de actividade dispendida para a execução da sua finalidade, mas pelo critério determinativo da boa oportunidade.

Nas categorias da fenomenologia social, as atitudes humanas não são susceptíveis de se *forçarem*, como plantas esóticas, em estufas apropriadas, mercê de duas preciosas qualidades intrínsecas, só aparentemente antagónicas: — o livre-arbítrio, condicionado pelo determinismo evolutivo, arrastando na torrente do progresso todos os pontos de inércia individuais e sociais.

A Federação Espírita Portuguesa efectivou-se na plenitude da sua fôrça incoercível, porque vibrava intensamente no coração e no cérebro de todos os espíritas portugueses, escudada no sentimento íntimo de cada um, patentemente traduzido no 1.º Congresso Espírita Português, o mais brilhante marco miliário do Espiritismo em Portugal, tendo como complemento a organização federativa, sua máxima finalidade.

Quando uma idéa, logicamente intelectualizada, recebe a unção dum nobre sentimento, o seu triunfo é seguro e duradouro, porque é no meio psíquico que melhor se fertiliza e frutifica.

A Federação Espírita Portuguesa foi, pois, a filha legítima e dilecta dêsse memorável Congresso, que marcou uma nova etapa ao movimento espiritista português.

* * *

O 1.º Congresso Espírita Português, realizado em Maio de 1925, teve por primacial finalidade lançar as bases da Federação Espírita Portuguesa, como ponto de partida para uma mais íntima congregação de esforços numa orientação racional de intensiva propaganda, dando assim unidade metodológica a tantas actividades e dedicações dispersas e, por vezes, transviadas da lógica finalidade espiritista, embora animadas da melhor intenção.

Portugal conta no meio espírita dedicações sem conta, capazes de todos os sacrifícios nesta abençoada cruzada de regeneração social; mas, na verdade, não estamos integrados nas correntes do pensamento científico hodierno que regem o

Espiritismo nos seus múltiplos aspectos — científico, filosófico, experimental, moral e social — através duma fenomenologia proteiforme e complexa, num transcendentalismo algo misterioso e perturbante.

Temo-nos preocupado demasiado com a propaganda do seu nobre aspecto moral, essencialmente cristão, esquecendo-nos, por vezes, que a moral racional é a cúpula de todo o edifício científico e filosófico do Espiritismo e que, sem previamente termos determinado a sobrevivência e a finalidade humana, não é possível logicamente impor à Humanidade a linha de conduta das suas atitudes morais.

E' de inadiável urgência que todos nós divulguemos e vulgarizemos, numa directriz filosófico-espiritualista, esse admirável núcleo de sciências psico-experimentais, diferenciando o animismo do espiritismo, muito embora prevaleça o seu paralelismo irreductível através das modalidades da mesma força anímico-espiritual comum no seu dinamismo superior, tanto a incarnados como a desincarnados, ou, pelo menos, subsistindo em perfeita igualdade nas formidáveis virtualidades que a Lei incoercível da evolução fará progressivamente vitalizar, elevando-as do estado estático de potencial ao estado dinâmico de acção.

E' da Federação Espírita Portuguesa que naturalmente deve partir uma directriz, que enfeixe e oriente tantíssimas actividades espíritas, susceptíveis de grandes e produtivos rendimentos e realizações, quando integradas no pensamento científico-contemporâneo das avassaladoras correntes neo-espiritualistas que, dia a dia, vão dominando a feição materialista gerada na ancestralidade dos dois últimos séculos, e cujas causas, na espécie, são de ordens muito variadas e de difícil sistematização.

A ignorância seria o pior dos males, se não fôsse a génese de todo o Mal de que enferma a sociedade.

* * *

A Federação Espírita Portuguesa tem uma missão tão difícil quanto complexa a realizar, nítida e insofismavelmente expressa nas suas disposições estatutárias, de mais a mais, neste período tumultuário que atravessamos, onde medram incoerências e pululam as mais ilógicas aberrações do sentir humano.

O alto significado da nossa doutrina, tecido de humildade e de renúncia, vai desencadear uma viva hostilidade de todos aqueles que endeusaram, num delírio de ambições materiais, as suas vaidades e os seus egoísmos.

A nossa vitória é certa; mas a luta será tremenda.

Para vencermos, só necessitamos de nos unirmos de alma e de coração, constituindo um bloco homogéneo, forte e belo como a essência da doutrina que professamos, donde irradiem em ondulações de alvorada para a regeneração da humanidade, os sublimes ensinamentos do Mestre dos Mestres — Cristo.

A lição mais frutificadora é a do exemplo — ¿ como poderemos nós apostolizar a fraternidade cristã, se toda a família espírita portuguesa, sem excepção, não souber realizar uma plena confraternização?!...

— ¿ Como poderá a Federação efectivar a sua complexa missão, erigida de tantíssimas dificuldades morais, intelectuais e materiais, se todos os espíritas portugueses não congregarem os seus bons esforços nesta abençoada cruzada — « *levando a luz aos cegos que conduzem cegos?!...* »

A Federação Espírita Portuguesa é património de todos os espíritas portugueses, e, todos aqueles que a abandonarem, não são dignos dos altos valores morais e intelectuais que nela se integraram, num espírito de sacrifício que a todos deve merecer as melhores e mais sentidas homenagens de respeito, de franca e leal confraternização, numa cooperação eficaz e decidida, cada um na medida das suas forças.

Sejamos coerentes.

Só a união faz a força.

ANTÓNIO J. FREIRE

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — Depois de meses consecutivos de insano trabalho e extrema dedicação dos elementos espíritas mais categorizados do Pôrto, realizou-se com todo o entusiasmo e brilhantismo, no dia 5 de Junho, a inauguração d'este importante centro neo-espíritualista, ficando admiravelmente instalado na *Rua da Boavista*, 307.

A sessão inaugural foi um triunfo e uma eloquente e comovida afirmação de fé neo-espíritualista no seu tríplice aspecto: — científico, filosófico e social-cristão, tendo falado primorosamente vários oradores, enaltecendo os princípios básicos do Espiritismo como meio de resgate e de redenção social e de renascimento religioso baseado na fé raciocinada, perante uma grandiosa e selecta assistência.

Dentre os oradores, justo é que destacuemos os nossos prezados e ilustres confrades portuenses, srs: Drs. Artur Gonzalez de Medina, Manuel Fonseca, Manuel Cavaco, Fernando Cruz Ferreira, José Augusto Costa, Mário Leitão, que souberam dar todo o relêvo à verdade científica e à beleza moral que ressaltam da doutrina espírita, para todos aqueles que a estudam libertos de preconceitos ortodoxos, científicos ou religiosos. Alguns oradores fizeram salientar a orientação francamente científica e experimental, baseada no método positivo, que este centro de estudos psíquicos irá imprimir aos seus trabalhos, como meio de profícua propaganda, orientação que a Federação Espírita Portuguesa regista jubilosamente.

A parte moral da nossa doutrina, essencialmente cristã, deve ser o corolário das investigações científicas que conduzam à sobrevivência da alma, para daí inferir a finalidade humana, tendo como directriz a ética de Cristo.

A Federação Espírita Portuguesa, intimamente ligada à renovação religiosa do nosso país, fez-se representar pelos seus dedicados e ilustres Confrades portuenses, srs: Prof. Arantes Pereira, Peres Guimarães e Fernando de Almeida Cruz Ferreira, a quem agradecemos as afectuosas e gentis referências feitas aos trabalhos de orientação e de propaganda já realizados por esta novel Federação, que, na verdade, só visa a propaganda científica e cristã do Espiritismo, através de inúmeras e complexas dificuldades, sobretudo financeiras, com que vem lutando denodadamente desde o seu recente início.

A sessão inaugural da «*Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas*» foi presidida pelos nossos prezados e valiosos

Confrades, srs.: Coronel José Tristão Pais de Figueiredo, Major Bernardino de Sena Lopes, Manuel Cavaco e Fernando de Almeida Cruz Ferreira, a quem rendemos tôda a nossa homenagem pelos valiosos serviços prestados para esta íntima e estreita confraternização de todos os Espíritas portuenses, que lhe ficam devendo uma franca e leal colaboração.

Dos seus Estatutos, orientados num sentido nitidamente científico, (experimental e positivo), orientação tão necessária para o nosso país perante a crise negativista em que se debate dolorosa e desvairadamente, reflectindo-se nas diversas actividades sociais, transcrevemos muito gostosamente o artigo 2.º:

«São fins desta Associação:

Artigo 2.º:

- a) *Unir, associativa e fraternalmente, o maior número de indivíduos de ambos os sexos que se interessem pelos estudos psíquicos;*
- b) *Estudar o Espiritismo sob os seus aspectos: — científico, experimental, filosófico, moral e social; bem assim os seus princípios básicos:— Sobrevivência da alma, Reincarnacionismo ou Vidas sucessivas, Lei da Causalidade e ainda as sciências psíquicas;*
- c) *Promover a cultura moral, derivada das leis fundamentais do Espiritismo, baseada no Cristianismo, na sua pureza original— em espírito e verdade— por todos os meios, de harmonia com estas leis;*
- d) *Cooperar em todos os empreendimentos humanitários, nacionais ou internacionais, na medida das suas forças.»*

Os seus Corpos Gerentes ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral: — Presidente — Coronel José Tristão Pais de Figueiredo; 1.º Secretário — Adrião António da Fonseca (comerciante); 2.º Secretário — Mário Antunes Leitão (industrial).

Direcção: — Presidente — Major Bernardino de Sena Lopes; 1.º Secretário — Manuel Fonseca (comerciante); 2.º Secretário, António Sardinha, (guarda-livros); Vogais: — Dr. Joaquim Dá Mesquita Paul (médico); Dr. Artur Gonçalves Medina (professor).

Comissão Revisora de todas as publicações: — Presidente, Dr. José de Barros e Sousa (meritíssimo Juiz da Relação do l'ôrto); Vice-Presidente, Dr. Leonardo Coimbra (professor da Universidade do Pôrto); 1.º Secretário, Pedro Duarte Costa (capitalista); 2.º Secretário, Fernando Cruz Ferreira (comerciante); Vogal — Manuel Cavaco (comerciante).

A Federação Espírita Portuguesa saúda respeitosa e fraternalmente os seus prezados Confrades portuenses, felicitando-os e felicitando-se pelo brilhante núcleo de valiosos e dedicados Espíritas dirigentes do movimento espiritista do Pôrto, que saberão dar todo o relêvo e propaganda, pelo seu valor moral e intelectual, aos princípios básicos do nosso Ideal, fazendo os seus melhores votos por uma plena, íntima e mútua confraternização com esta Federação.

Alea jacta est...

Movimento espírita — De visita a esta Federação estiveram em Lisboa muitos dos nossos dedicados Confrades da Província, que nos vieram trazer o carinho da sua confraternização e um solidário incitamento para a realização da finalidade que visa esta Federação, expressa na sua organização estatutária.

Do Algarve os nossos dedicados Confrades: José Francisco Cabrita, que com a sua revista «*Ecoss do Além*» tem sido um baluarte inexpugnável de intensiva propaganda por essas lindas terras algarvias, onde já não há recanto que desconheça a elegância moral da nossa doutrina, e com o seu esforço foi um dos mais valiosos propulsores da «*União Espírita Algarvia*» e dos Congressos Espíritas Algarvios; Hermenegildo Costa, propagandista incansável, redactor da revista «*A Rosa + Cruz*», de Portimão.

A-fim-de tratar da organização e propaganda espiritista em Coimbra, esteve nesta Federação uma Comissão delegada, composta dos nossos dedicados Confrades conimbricenses, srs.: António Gonçalves Granadeiro, Tenente Tadeu Pinto, e Joaquim Bento Ladeira, a quem prestamos tôda a homenagem pelos denodados esforços que tem empregado na propaganda espiritista na Lusa Atenas, esforços que muito em breve serão coroados de pleno êxito pela organização dum importante centro espírita, que muito brevemente será inaugurado em Coimbra e que esta Federação considera de grande importância para a divulgação da nossa doutrina no meio Académico conimbricense, um dos mais cultos do País. Este Centro Espírita terá uma orientação essencialmente científica e experimental, realizando-se ali, depois da sua inauguração, uma série de conferências patrocinadas por esta Federação.

A-fim-de tratar, além de outros assuntos de propaganda, da constituição da Comissão Federativa de Propaganda Espírita do concelho de Leiria, estiveram entre nós os nossos prestigiosos Confrades daquela cidade e redactores do jornal espírita «*Sol do Porvir*», srs.: Avelino Fernandes e Joaquim Nicolau Ferreira, tendo sido resolvidas todas as dificuldades, devido ao seu superior critério e devotada dedicação à nossa causa. Leiria, sem favor, representa hoje em Portugal um dos melhores centros de irradiação do Espiritismo, devido ao bom-senso, aturado estudo e proficiente direcção que ali assumiram os

trabalhos espiritistas, quer teóricos, quer práticos, bem dignos de serem imitados em outros pontos do país.

De Leiria, também tiveram a gentileza de visitar esta Federação, o nosso prezado Confrade, sr. José Gaspar Carriço Portugal e sua Ex.^{ma} Esposa, que, pelas suas invulgares qualidades medianímicas, relevantes serviços tem prestado, com devotada dedicação, ao Espiritismo no «*Centro Espírita de Leiria*».

De Beja estiveram nesta Federação os nossos dedicados e valiosos Confrades, srs.: Tenente Lino Vaz Palma Antunes e Caetano Ciriaco Goinhas, membros dos mais prestigiosos da Comissão Federativa de Propaganda Espírita de Beja, a quem o Espiritismo deve o melhor do seu esforço.

Também estiveram de visita a esta Federação os nossos dedicados Confrades, srs.: Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra; D. Maria Clementina Mateus, D. Maria do Carmo Ribeiro e D. Piedade Ribeiro, de Abrantes; Ivêncio dos Santos, de Alfaiates; José da Visitação Oliveira, devotado Vice-Presidente da Comissão Federativa de Propaganda Espírita do concelho de Montemor-o-Novo; António Alexandre, de Sagres; João Tomé Feteira, de Vieira de Leiria; Joaquim Teotónio Segurado de Faria, de Moura; Manuel Rodrigues, de Pedrógão Grande.

Tivemos também o prazer da visita do nosso prezado e dedicado Confrade de Ponta Delgada, sr. Acúrcio da Veiga Moniz, que nos patenteou todo o entusiasmo que lavra nas Ilhas Adjacentes pela nossa Federação e o firme propósito de auxiliarem, por todos os meios, a alta finalidade que preside aos destinos federativos do nosso Ideal de resgate social.

Mais uma vez agradecemos a todos estes nossos dedicados Confrades a gentileza da sua visita a esta Federação e as suas bondosas palavras de apoio e de incitamento à obra que se propôs realizar a Federação Espírita Portuguesa.

Conferências espíritas — Na sede da Federação Espírita Portuguesa tem continuado a série de conferências de propaganda espírita com uma numerosa e selecta concorrência.

Teem presidido os nossos prezados confrades, srs.: Capitão de Fragata Severiano A. Ivens Ferraz; Capitão José Bernardo Pinto da Silva; D. Inês F. Pinto do Couto Cardia; Acúrcio da Veiga Moniz; António Gonçalves Granadeiro; Tenente Tadeu Pinto; Dr. Ramiro Guedes de Campos; Augusto Araújo.

Conferentes, srs.: D. Maria O'Neill; Dr. António L. Vilela; Capitão José Bernardo Pinto da Silva; António Adelino Freitas e Silva, Dr. António J. Freire.

A Federação Espírita Portuguesa espera que ainda êste ano sejam feitas algumas con-

ferências na sua sede pelos consagrados oradores, srs.: D. Madalena Frondoni Lacombe; Conselheiro Dr. João José da Silva; Dr. Carneiro de Moura; Dr. José Magalhães e Meneses; Pedro Cardia; Engenheiro-Agrônomo José A. Manique de Albuquerque.

Por motivos de força maior, ficaram adiadadas para Outubro as conferências de propaganda espírita que o nosso confrade, sr. Dr. António J. Freire fará em Leiria, Marinha Grande e Vieira de Leiria.

Trabalha-se activamente para que se realize uma série de conferências, de propaganda espírita, nas Ilhas Adjacentes e Madeira sob o patrocínio da Federação Espírita Portuguesa e dos Centros Espíritas Açoreanos. As dificuldades financeiras com que a F. E. P. luta agora no seu início, impedem que este feliz desiderato tenha a breve realização que seria para desejar, mas estamos certos de que este objectivo será um facto dentro de alguns meses, atendendo à devotada dedicação dos nossos numerosos e prezados confrades açoreanos e madeirenses que se cotisarão para este feito.

Sessões espíritas — Tem continuado com tóda a regularidade os trabalhos experimentais a-dentro desta Federação. Actualmente são já sete grupos que estão funcionando.

Os sócios que desejem tomar parte nos trabalhos experimentais devem dirigir-se à Direcção da F. E. P., indicando médiuns e todos os membros do grupo, a-fim-de lhe ser indicado o director e dias de trabalho.

Mais uma vez pedimos a todos os sócios que se desejem constituir em grupo experimental, que se orientem numa selecção em que predomine, além dos indispensáveis conhecimentos teóricos e práticos do Espiritismo, uma mútua confiança e simpatia, uma elevada finalidade moral. Só assim poderão vencer os inúmeros obstáculos e insucessos que cercam estes delicados e complexos trabalhos das sessões espíritas, a que esta Federação deseja imprimir um cunho tão científico, quanto moral e cristão.

A Federação Espírita Portuguesa continua trabalhando para que no próximo inverno possa já apresentar alguns trabalhos experimentais na presença de todos os seus sócios.

ESTRANGEIRO

Edison e o Espiritismo — Tem causado, por vezes, alvoroço nos meios espíritas a notícia de que o célebre inventor americano Edison dera adesão à hipótese espírita como a mais consentânea com a explicação dos fenómenos metapsíquicos transcendentais.

A notícia mais uma vez aparece como certa no jornal *The People*, que publica a seguinte declaração do sábio: «Atingi agora o ponto em que sou forçado, por uma verifi-

cação positiva, como consequência das minhas investigações, a sustentar firmemente o ponto de vista de que a vida existe depois da morte. Estou mesmo inclinado a sustentar o espiritismo e o seu princípio de que são possíveis as comunicações entre o mundo dos vivos e o dos mortos».

Não pode restar dúvida de que o sábio é intensamente atraído pelos estudos relacionados com a sobrevivência humana, e que os seus esforços tendem essencialmente à descoberta dum aparelho que permita as comunicações sem médium.

E' a esse respeito interessante a reprodução de fragmentos dum artigo do eminentíssimo sábio àcerca da construção dum *telefone* psíquico com que êle pretende pôr em comunicação os vivos e os mortos:

«Intentei construir um aparelho científico que permita aos mortos — se isto fôr possível — entrar em relações comigo.» E mais abaixo:

«Confiemos, pois, em que se conseguirá possuir o instrumento ideal que essas personalidades possam empregar. Nós, os habitantes deste mundo, poderemos receber por êsse meio mensagens procedentes da «vividenda» ou do novo lugar onde se encontrem.

«Se o aparelho que eu construo pudesse ser um meio de penetrar vastamente no mundo do desconhecido, teríamos dado um grande passo para a Inteligência Suprema.

«Não quero, porém, dizer mais. O que prometo é fazer com que as personalidades passadas ao *au-delà*, possam comunicar conosco, se o desejarem ou quiserem».

Não é nova a tentativa de pretender abolir o médium como agente da comunicação.

Porém, o mais complicado aparelho construtivo para êsse fim, o dinamistógrafo, parece que não exclui em absoluto a intervenção mediúnica.

Construído pelas indicações dadas mediánicamente pelo falecido engenheiro holandês, J. J. Zaalberg van Zelst a seu filho e ao seu amigo Matla, com quem durante longos anos em vida estudara o futuro póstumo do homem, a-pesar-de livre pensador, permitiu todavia iniciar os estudos da personalidade astral segundo processos físicos de observação e de apreciação e registo até aí nunca empregados.

Foi assim que êsses autores apresentaram conclusões interessantes que seria longo enumerar aqui sobre volume, pêso, densidade e modo de constituição do corpo astral, tão bem comentadas e apreciadas pelo ilustre escritor Charles Lancelin em «La vie posthume».

— Conseguirá o sábio inventor Edison melhores resultados que os seus antecessores nessa ordem de estudos, que tiveram sobre ele a vantagem de ser instruídos por individualidade astral e por isso mesmo mais uma profundos conhecimentos sobre o modo de actuar?

E' difícil prognosticá-lo.

E a apreciação dada por Edison em *The People* sobre os fenómenos espíritos mostra que o seu modo de pensar, já provavelmente resentido de infrutíferos resultados no seu ambicionado invento, o levou a considerar-se satisfeito com os trabalhos medianímicos, de modo a poder pronunciar-se apenas baseado neles.

Leonor Zugun — Êste médium, uma rapariguita muito nova, romena de nascimento, é também dos médiuns mais interessantes que teem aparecido, embora fique àquém do celeberrimo Mirabelli.

Nascida em Talpa e filha de camponeses, começou aos treze anos a produzir fenómenos tão anormais que a internaram num manicómio donde a foi retirar um metapsiquista alemão illustre, compadecido da sorte da rapariga e deseioso de estudar os factos estranhos a que ela dava origem.

Pouca ocasião, porém, teve Grünewalde — era êste o seu nome — de estudar a pequena, porque faleceu pouco depois.

Coube essa missão a uma illustre senhora austriaca, a Condessa Wassilko-Serecki, que após inúmeras dificuldades e intransigente opposição do padre da freguesia de Dorohoi, em que habitava a rapariga, a conseguiu levar para sua casa e estudar assim em todos os seus pormenores a sua mediunidade, sobre a qual já reuniu em livro relatórios proficientemente elaborados, que dão os fenómenos como indiscutíveis.

As produções em que mais se distingue Leonor, são a deslocação de objectos sem contacto a distâncias consideráveis, em plena luz, e as marcas que o seu corpo apresenta acompanhadas de sensação de dor e apparecidas inesperada e rapidamente sem que se

possam attribuir a qualquer causa normal.

Vários experimentadores teem sido convidados a observar os fenómenos e o grande prestidigitador, hoje metapsiquista eminente, Harry Price, já a observou em Londres no Laboratório Nacional de Investigações Psíquicas, tendo ficado igualmente convencido da realidade dos fenómenos que ela produz.

A sua epiderme é excessivamente irritável e procura-se estudar qual seja a origem destas marcas tão acentuadas que atectam por vezes a forma de dentadas e outras de arranhaduras, deixando em outras ocasiões sinais nítidos de garras de animais, que em breve desaparecem.

Não é nova esta produção de escoriações da pele.

São célebres alguns estigmatizados como S. Francisco de Assis, que apresentava profundas feridas; Catarina Emmerich, em que se viam os estigmas da crucificação, especialmente às sextas feiras e na Semana Santa, em que as feridas exsudavam sangue; Luísa Lateau, camponesa belga, em quem apareciam sinais semelhantes, etc., fenómenos temporários que se têm procurado explicar por uma auto-sugestão anímica.

Porém estas marcas súbitas de Leonor Zugun, concomitantes de fenómenos telequénéticos, devem supor-se originadas pela intervenção de forças occultas.

A rapariga tem em geral grande appetite quando produz os seus melhores fenómenos, que coincidem igualmente com os seus períodos menstruais.

Quanto ainda há a estudar para averiguar quais as influências físicas que favorecem a evolução e desenvolvimento das mediunidades!...

Paçaram as suas assinaturas os srs.:

Dr. António L. Vilela, Dr. António J. Freire, José Pinto Vieira, António Joaquim Amorim, General Barata Feio, D. Maria O'Neill, Pedro Cardia, António Mendes da Silva, Francisco Miguel da Costa, Francisco Simões dos Reis, D. Albertina Maria da Costa, João Maria da Cunha, Augusto Araújo, D. Ana Maria da Costa, General Quadros, Capitão de Fragata Filipe Emílio de Paiva, Carlos Quesada, D. Emília Pimenta Rodrigues, António da Costa Ribeiro, Augusto dos Santos, Augusto de Aquino, João da Silva, D. Laura Barbosa, Francisco Alves, D. Amélia Grilo, Daniel Lopes, Mariano A. Soares, Joaquim António dos Santos, Carlos José da Costa Carinha, Clemente da Fonseca Carrola, Arnaldo Guimarães, Mário Ferreira de Barros Cruz, Dr. José de Barros e Sousa, Lourenço Tavares de Almeida, José Tavares, José Jacinto de Oliveira, José Carreiro da Silva, Manuel Pereira do Amaral, Aurélio de Freitas, Domingos José Pinheiro, Acúrcio da Veiga Moniz, Aires Carreiro de Freitas, António de Sousa Manteiga, Capitão Augusto Flores, Joaquim de Sousa, José Lopes Pires, David de Castro, Artur Ferreira, Joaquim Abreu Assis, Francisco Monteiro, José de Oliveira Jordão, Luís Caseiro da Silva, Augusto Caseiro da Silva, Manuel de Assunção, Manuel da Silva Ferrinho, José Lourenço dos Santos, Miguel Bernardes Moreira, António Joaquim Bastião, Filipe de Jesus Afonso, Alfredo Augusto Cardoso, José Pedro Vieira, Manuel Soares de Pinho, Centro Espirita «Luz e Esperança», José Ricardo dos Santos Ramos Belo, Angelo Coelho, D. Deolinda Lopes de Oliveira, D. Brites Maria Castro, José da Rocha Brandão, Armando de Passos Alves Leão, António Rosado Perdigão, Ramiro de Oliveira, D. Maria Luísa Zagalo Fernandes, D. Irene Zagalo Fernandes Gameiro, Raúl Zagalo Fernandes, António Gonçalves Granadeiro, Alfredo Lopes Xisto, Daniel Campos Contente, António dos

Santos, Fernando Guilart, José Maria Simões Veiga, D. Maria Pires do Rio, Tenente Tadeu Pinto, Ivêncio dos Santos, Américo Ferrão de Oliveira, Joaquim Bento Ladeira, Abel da Silva Ladeira, Manuel Teixeira, Abílio da Silva Ladeira, Joaquim Martins Gonçalves, António Joaquim Borralho, Joaquim Cardoso Moreira, José Narciso Vieira, D. Maria de Jesus Correia, David Rodrigues Russo de Assunção, Bernardo Correia de Almeida, A. Sacramento, Ezequiel de Assunção, D. Zulmira Gonçalves dos Santos, Manuel Martins, Luís Carlos Gouveia, Joaquim J. da Silva Lagarto, Manuel Cavaco, Manuel Fonseca, José António, José Luís Pereira, D. Margarida Baptista, António Pedro Rodrigues, Mário Nunes Sequeira, D. Maria Augusta Lopes Alves, José António Marques, D. Ana Alves de Brito, D. Amélia Cardoso Ribas, Amândio Pires da Costa, D. Júlia Pires, D. Angélica Araújo, Frederico Penteado, Dr. Mário P. Machado, José Luís António de Oliveira, Francisco Marques, José Paulo da Cunha, Jaime Alexandre, Joaquim Tavares do Pinho Júnior, D. Clara Sofia de Carvalho Lima, Albano Cunha, Francisco da Câmara Sampaio, D. Maria Amélia Tristão, Manuel Martins, Manuel Inácio da Silveira, António Cachapus, Lourenço T. de Almeida, Antero José Barbosa, António Sousa Manteiga, José Jacinto de Oliveira, Luís Gonzaga Vilalobos, Dr. Oliveira S. Bento, Custódio Vera Cruz, Raúl Joaquim de Pinho, César Lopes de Azevedo, Joaquim José Telheiro, Angelo A. A. Henriques, D. Emília Marques, Manuel Martins Borges, D. Elvira Roque, Jorge Maria dos Santos, Luís Pereira, António Sabino Simões, Sebastião Ribeiro, José Gonçalves Estorninho, João António Carreta, Caetano da Conceição Forçado.

Caixa de Propaganda

Subscrição Permanente

O principal objectivo da Federação Espírita Portuguesa é a propaganda científica e cristã do Espiritismo.

Este objectivo só pode ter realização prática e efectiva pela larga divulgação desta Revista e doutras publicações espiritistas numa intensiva distribuição gratuita.

Os trabalhos tipográficos tomaram proporções assustadoras no nosso país, e, assim, só com um eficaz e decidido apoio financeiro dos Espíritas Portugueses, a Federação poderá realizar a sua nobre e humanitária finalidade de regeneração social.

	Transporte	2.350\$00
<i>Maio-Junho de 1927</i>		
Caetano Ciriaco Goinhas — Beja.....		120\$00
Capitão-tenente José Freire Grainha — Lisboa.....		50\$00
Grupo «Amor e Perdão» — Reguengos de Monsaraz.....		50\$00
Alfredo Lopes Xisto — Coimbra.....		50\$00
António Gonçalves Granadeiro — Coimbra.....		20\$00
D. Maria Pires do Rio — Coimbra.....		20\$00
Engenheiro Angelo Sarrea de Sousa Prado — Lisboa...		20\$00
Manuel Teixeira — Alfarelos.....		15\$00
Capitão Manuel Nunes — Lisboa.....		10\$00
Tenente Tadeu Pinto — Coimbra.....		10\$00
D. Mariana Anastácio Gonçalves — Coimbra.....		10\$00
Joaquim Bento Ladeira — Coimbra.....		10\$00
Capitão José B. Pinto da Silva — Lisboa.....		10\$00
Manuel Ferreira de Oliveira — Almeirim.....		5\$00
D. Deolinda Lopes de Oliveira — Alcobaça.....		5\$00
José Braz — Lisboa.....		5\$00
António Rodrigues Pereira — Reguengos de Monsaraz...		5\$00
Filipe Vicente Rodrigues — Lisboa.....		5\$00
Sebastião Ribeiro — Lisboa.....		5\$00
Adriano Sant'Iago — Figueira da Foz.....		5\$00
Ivêncio dos Santos — Alfarelos.....		5\$00
António Joaquim Borralho — Amareleja.....		5\$00
Alfredo Augusto Cardoso — Douro — Louzada.....		2\$50
		<hr/>
		2.792\$50